convergência

MAIO — 1972 — ANO V — N.º 45

CREIO EM JESUS CRISTO, J. B. Libânio, página 9

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC 05) — 20 000 — RIO DE JANEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil:	via terrestre	Cr$ 30,00
	via aérea	Cr$ 35,00
Exterior:	via marítima ..	US$ 10,00
	via aérea	US$ 15,00
Avulso	.....	Cr$ 3,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

EDITORIAL 1

INFORME CRB 3

CREIO EM JESUS CRISTO .. 9
J. B. Libânio

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO 21
Aquino R. Torres

A REGIONAL DE FLORIANÓPOLIS — SUL 4 26

ESTUDO SOCIOGRÁFICO DOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DA AMÉRICA LATINA 34
Documento da CLAR

A FUNÇÃO SOCIAL DA LEI 47
Pio Milpacher

A DOUTRINA CONCILIAR SOBRE O TRABALHO 52
Maucyr Gibin

ESTANTE DE LIVROS 57

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração: Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar (ZC 05) — 20 000 — RIO DE JANEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil:	via terrestre	Cr$ 30,00
	via aérea	Cr$ 35,00
Exterior:	via marítima ..	US$ 10,00
	via aérea	US$ 15,00
Avulso	.....	Cr$ 3,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

EDITORIAL 1

INFORME CRB 3

CREIO EM JESUS CRISTO .. 9
J. B. Libânio

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO 21
Aquino R. Torres

A REGIONAL DE FLORIANÓPOLIS — SUL 4 26

ESTUDO SOCIOGRÁFICO DOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DA AMÉRICA LATINA 34
Documento da CLAR

A FUNÇÃO SOCIAL DA LEI 47
Pio Milpacher

A DOUTRINA CONCILIAR SOBRE O TRABALHO 52
Maucyr Gibin

ESTANTE DE LIVROS 57

Jornais, revistas,
livros, canções, **posters,**
teatros, **slogans,** têm hoje
o seu ponto de convergência
num tema de ontem,
de hoje, de sempre,
JESUS CRISTO.

O homem criou o mito
de Jesus Cristo. Será somente
mito? Não bastará uma reflexão
mais detalhada, uma reflexão
mais profunda, para facilmente
discernirmos a enorme
diferença entre tais mitos
e a realidade de JESUS CRISTO?

Na sua sede insaciável
de conhecer mais, de ter mais,
de possuir mais, o homem quer
mais, sempre mais. Quanto mais
tem mais quer possuir.

Paradoxo que o deixa perplexo
se não encontra Jesus Cristo.

O homem vai-e-vem com o seu
problema básico: uma carência
do Absoluto, que nada satisfaz
plenamente. Um ser que sempre
busca, um ser que deseja além
do que possui, um ser que almeja
além do que é. O homem questiona
a ciência, questiona os astros,
questiona-se a si mesmo,
questiona o seu semelhante,
por fim, questiona o próprio
Deus. Atento e perspicaz,
surpreende-se por algo inesperado:
no âmago de seu ser,

no cerne de sua solidão que não é isolamento, o homem percebe com limpidez crescente que quem o questiona é o próprio Deus. Deus nos questiona com a fé em Jesus Cristo.

"No momento em que nos encontramos com Jesus Cristo, Deus feito homem, podemos começar a compreender esse mistério do homem. Sua plena e absoluta realização, sua total plenitude encontra resposta em Jesus Cristo".

Colaborando conosco neste questionamento, o **P. Libânio**, neste novo artigo de Convergência: **Creio em Jesus Cristo**, sublinha o humano em Jesus Cristo que revela Deus e Jesus Cristo Deus que revela o homem.

Frei Aquino, ressaltando a nova dimensão de Jesus Cristo ressuscitado, abre perspectivas para discernir na mensagem e na vida de Jesus Cristo a sua proposta ao homem para ser mais, ir além da dimensão missionária "a ressureição de Cristo nos lembra que vale a pena a gente lutar por mais fraternismo,
por mais justiça,
por mais amor entre
os homens".

Uma das mais novas regionais da CRB — A Regional Sul IV — que abrange a área geográfica do Estado de Santa Catarina, apresenta um pouco de sua história, do seu dinamismo como serviço da Igreja para os homens de hoje.

Pio Milpacher, relembrando a alocução de Paulo VI aos membros da Sacra Rota Romana, sublinha como a "lei deve caminhar com o tempo".

Para que a mensagem de Jesus Cristo possa realizar-se nos cristãos de hoje, **P. Maucyr** nos dá pistas nos documentos do Vaticano II sobre o Trabalho do Religioso como sinal de libertação para si e para os outros.

Irmã Nilza Junqueira Reis, r. a.

MENSAGEM DE DOM CELSO PEREIRA DE ALMEIDA, OP BISPO DE PORTO NACIONAL, GOIÁS EX-SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CRB-GOIÂNIA

Ao assumir a diocese de Porto Nacional após ter sido Secretário Executivo da CRB-Goiânia, Goiás, D. Celso Pereira de Almeida, OP, deixou aos religiosos de sua Regional esta mensagem:

Minha mensagem é muito simples. Quer ser de agradecimento e de confiança. De agradecimento, pelo muito que recebi da CRB de Goiânia: apoio, encorajamento, colaboração, exemplos.

Nesta vasta seara do Senhor em Goiás, cada comunidade, cada religioso, cada religiosa procure ser testemunha viva de uma esperança nova, que surge na Igreja. Que também e sobretudo seja uma mensagem de confiança. As lutas é que fazem o homem tornar-se destemido e valente.

Os problemas difíceis da hora presente, devem trazer a todos nós, uma vontade firme, de viver, de lutar para o crescimento do reino de Deus. Devem fazer-nos crescer no ideal.

Que todos cresçamos em intensidade e profundidade de vida evangélica para sermos o sal que dará aos homens que lutam e sofrem conosco o sabor de Deus. Vivendo, lutando e sofrendo com o povo, pelo evangelho, estamos correspondendo a vocação religiosa.

PRIMEIRO CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PREVIDÊNCIA DO CLERO

De 21 a 25 de maio de 1972 realizou-se em Petrópolis, Estado do Rio, o Primeiro Congresso Latino-Americano de Previdência do Clero, por iniciativa do CELAM. Foram confiadas à CNBB, através do IPREC, a preparação e a coordenação. Este primeiro encontro latino-americano é na realidade o primeiro que se realiza no mundo e por feliz coincidência é uma preparação remota para o Congresso Mundial que a Sagrada Congregação do Clero pretende reunir em 1973 sobre o mesmo assunto.

Estiveram presentes 14 delegações dos seguintes países: Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Costa Rica, Equador, El Salvador, México, Paraguai, Peru, Por-

to Rico, República Dominicana, Uruguai, Venezuela e o representante do Adveniat, Mons. Emil Sthele. O Brasil esteve representado pela Secretaria Executiva do IPREC.

O encontro se realizou na Casa Provincial das Religiosas de Santa Catarina, Convento Madre Regina. A impressão unânime deixada foi a melhor possível, pela perfeita harmonia que se conseguiu realizar. Um tratamento da maior simplicidade e da maior dignidade conforme a imagem que a Igreja procura viver no mundo de hoje.

Além do ato de concelebração na Catedral de Petrópolis, no domingo de Pentecostes, além dos habituais discursos de saudação e mensagens escritas, inclusive um telegrama do Santo Padre com a benção apostólica, os trabalhos foram iniciados com uma exposição teológica de Mons. Roberto Roxo sobre a Previdência Social na visão da teologia atual. Houve exposição dos Delegados sobre a realidade vivida em cada país; uma conferência do Prof. Moacyr Cardoso Veloso de Oliveira sobre Técnica do Seguro Previdencial, mesas-redondas para aprofundamento dos temas e trocas de idéias e aprovação das conclusões e sugestões a serem remetidas às Conferências Episcopais.

No exame da realidade, verificou-se grande pluralismo de perspectivas, de tentativas e de soluções. Só o Brasil possui um Instituto de Previdência Próprio da Igreja, já em funcionamento há oito anos. Chile, dada a situação especial do país e também por razões pastorais, oferece um aspecto todo especial modificativo da experiência até hoje vivida. Colômbia e Venezuela têm projetos já aprovados, mas ainda em início de execução. Os demais países tateiam à procura de soluções adequadas que, alguns geograficamente menores, só julgam possível através de uma solução multinacional.

As conclusões a que se chegou e cujo texto oficial só poderá ser publicado oficialmente após a aprovação pela Presidência do CELAM, importam aspectos deste teor e desta linha:

- O reconhecimento de que a "Previsão Social do Clero pode ser organizada tanto sob o aspecto evangélico como assistencial, seja através de instituições próprias da Igreja, seja através de solução estatal, conforme opção da autoridade competente.

- Qualquer organização de Previdência do Clero deve traduzir uma expressão sincera de solidariedade entre Igrejas locais e de caridade fraterna com o Povo de Deus e dentro dela com o Presbitério.

- Não se pode perder de vista um autêntico espírito de pobreza evangélica de acordo com a situação concreta de cada povo, sem buscar situações privilegiadas. A Previsão do Clero acarreta um compromisso para um serviço mais desinteressado dos Ministros de Deus a seu Povo.

- Os sacerdotes que deixam o ministério sejam contemplados com justiça e caridade no que respeita à Previdência Social. Empreguem-se todos os meios para criar organismos de âmbito nacional e não meramente diocesanos ou interdiocesanos e até multinacionais onde tal se impuser.

● Que haja colaboração das Igrejas mais favorecidas com as menos favorecidas. Que o CELAM continue seus esforços nesse intercâmbio de experiências e institucionalize esses encontros com periodicidade de dois anos, recomendando-se também encontros regionais e nacionais.

ESTATÍSTICAS RELIGIOSAS

Em acurado volume de 197 páginas, o Serviço Central de Estatística da Santa Sé acaba de publicar diversos números e quadros sobre a vida e a ação da Igreja durante o ano de 1969. Assinalando que a 31 de dezembro de 1969 havia cerca de 413.438 sacerdotes no mundo, é revelado o seguinte quadro de defecções de sacerdotes seculares durante aquele ano:

Continentes	Total	Defecções: Cifras absolutas	Defecções: Por 1.000 sacer
África	4.566	35	7,7
América Setentrional	43.898	658	15,0
América Central continental	6.626	38	5,7
América Central — Antilhas	893	20	22,4
América Meridional	13.990	207	14,8
Ásia — Médio Oriente	1.186	1	1,0
Ásia — Outros Países	11.358	57	5,0
Europa	184.168	727	3,9
Oceania	2.922	37	12,7
TOTAL	269.607	1.780	88,2

CAMPANHA DA FRATERNIDADE: 1972/1973

Nos dias 18, 19 e 20 de maio, no Convento do Cenáculo, Rio de Janeiro, a CNBB Nacional reuniu representantes das Regionais, membros-assessores das diversas Linhas de Ação Pastoral e representantes da CRB Nacional para rever e avaliar a Campanha da Fraternidade 1972 e planejar 1973.

A revisão trouxe um quadro real de dados, testemunhos e fatos comprovando que a Campanha da Fraternidade, ano por ano, durante as primeiras cinco semanas da quaresma **une numa esplêndida Pastoral de Conjunto,** clero e laicato do Brasil fazendo-os ser mais comunidade de vida e de ação da Igreja. A Campanha da Fraternidade busca multiplicar sua voz e suas forças utilizando técnicas modernas.

Verificou-se que a Campanha da Fraternidade caminha na realização dos seus objetivos:

1. Evangelização.

A Campanha da Fraternidade conjuga três formas de apostolado. Isto é novo no Brasil: ★ É um raro momento de unidade da Igreja como Pastoral de Conjunto. ★ Exige a participação dos leigos ao criar novas frentes de trabalho. ★ Emprega métodos modernos de propaganda. É uma forma de apostolado de opinião pública.

2. Participação dos leigos.

Cria novas frentes de trabalho.

3. Usa os meios de comunicação.

Emprega métodos de propaganda, uma forma apostólica de atingir a opinião pública (Inter Mirifica).

A Campanha da Fraternidade une durante cinco semanas as forças da Igreja que anelam pela verdade, pela justiça, pelo bem, fazendo ressoar por todos os recantos da nossa pátria a mesma mensagem. Cada ano propõe uma **nova ação comum,** planejada a ser executada.

A Campanha da Fraternidade tem sempre um objetivo concreto. A sua pedagogia se caracteriza pela conjugação das forças da comunidade para a solução dos seus próprios problemas. O evangelho é pregado a partir da realidade. A doutrina social da Igreja impulsiona seu plano de ação. Os documentos **Populorum Progressio** e **Medellin** são amplamente utilizados e aprofundados.

A Fraternidade entre os homens pede de cada criatura humana verdadeira conversão e conversão continuada: a metânoia evangélica. O tempo da Quaresma deverá ser o tempo da vivência mais intensa da realidade batismal, da conversão à fraternidade e do dar-se mais integral à edificação da Igreja e à construção do mundo. Dar e dar-se à semelhança do samaritano (Lc 10, 30 a 37).

A Campanha da Fraternidade é eminentemente uma evangelização maciça, extraordinária, de âmbito nacional para despertar e incentivar o espírito comunitário fraterno em todos os setores da atividade humana em nossa pátria. O óbulo quando traduzido em dinheiro ou prestação de serviço será apenas consequência e sinal de engajamento e evangelização, um gesto concreto, exprimindo a vontade real de vencer o egoísmo, individualismo, a avareza.

Se o óbulo for dado, é necessário que a comunidade dos fiéis saiba para onde foram encaminhadas suas contribuições. Assim, a prestação de contas é indispensável.

Para que a Campanha da Fraternidade obtenha seu nobre objetivo é necessário que Bispos, Presbíteros e Religiosos, conheçam, amem e organizem-na em seus respectivos setores de apostolado. A Campanha da Fraternidade se torna oportunidade de autoformação, de atualização e treinamento na transmissão da mensagem evangéli-

ca, particularmente no campo das comunicações sociais.

A Campanha da Fraternidade de 1972 procurou motivar fortemente o Povo de Deus para descobrir, na mentalidade do serviço, a mensagem da fraternidade, como fonte de felicidade.

LINHA 1 EM VISITA ÀS REGIONAIS

Os aspectos pastorais da promoção e formação vocacional são preocupações comuns da CNBB e da CRB, através dos programas de atividades da Linha 1 da CNBB.

Estão programados para este ano dois Encontros Nacionais: **Promoção Vocacional** e outro de **Formadores** de novos presbíteros, nível filosófico e teológico. O primeiro realiza-se entre 8 e 12 de agosto, em Salvador, Bahia e o segundo entre 23 e 26 de outubro, no Rio de Janeiro.

Devido à importância destes Encontros estabeleceu-se recentemente contatos pessoais com as Regionais. É a fase de preparação, mediante motivação e estudo de subsídios, em vista a uma maior participação.

Os objetivos destes Encontros são o de elaborar, juntamente com os representantes Regionais, um indicado pela CNBB e outro pela CRB, Diretrizes Gerais, capazes de orientar a Promoção Vocacional e Formação de novos presbíteros, de maneira adaptada e realista às novas necessidades. Será também um balanço da situação e a procura de maior clareza quanto aos caminhos a seguir, no amplo esforço de renovação da Igreja, onde cada membro é despertado para o seu ministério ou carisma específico.

Oportunamente esperamos divulgar as conclusões destes Encontros.

ENCONTRO DE PEQUENAS COMUNIDADES

De 25 a 28 de novembro de 1971, em Praia Formosa, realizou-se o Encontro Anual das Pequenas Comunidades da Paraíba, na capital João Pessoa, sob a direção de Dom José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba, da Irmã Nilza Montenegro, Coordenadora e do Pe. Guerre, Assessor do Encontro. Participaram 28 representantes.

A dinâmica do Encontro consistiu em trabalhos de grupo, seguidos de Plenários, excluindo as Conferências. Nesta linha fez-se uma revisão das Pequenas Comunidades baseada no seguinte roteiro: **1.** Objetivos. **2.** Dificuldades. **3.** Aspectos de continuidade. Deste Encontro gostaríamos de relevar:

1 — Alguns **objetivos** apontados: a) Inserção no meio para ser presença, serviço e abertura para aprender e receber dos outros. b) Dar testemunho do

evangelho pela vivência comunitária, pela atuação apostólica, pelo acolhimento. c) Despertar as comunidades através da descoberta e valorização de líderes locais. É a transitoriedade do trabalho das irmãs.

II — O estudo sobre a presença evangélica. a) A quem Jesus esteve presente? b) As qualidades de sua presença. c) As exigências desta presença. Tudo isto, é lógico, aplicado em seguida às Pequenas Comunidades.

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR — CONGRESSO

O Comitê Nacional Brasileiro da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar promoverá, de 24 a 28 de julho de 1972, no Rio de Janeiro, GB, a IX Semana Nacional de Estudos. Aplicando ao Brasil a orientação sugerida pelo Presidente da OMEP Mundial, Prof. Gaston Mialaret, serão os objetivos da educação estudados em função dos seguintes aspectos:

I — Os objetivos da educação pré-escolar, em face da Lei de Proteção Materno-Infantil (Decreto 69 514/71 da Presidência da República).

II — Objetivos da educação pré-escolar em face das pesquisas de desenvolvimento.

III — Objetivos da educação pré-escolar na Reforma do Ensino.

Informações: Escrever para Comitê Nacional Brasileiro da OMEP, rua São Clemente, 117 — Rio de Janeiro, Guanabara.

SUB-REGIONAL DE TERESINA

Do Relatório recebido pela Nacional referente aos meses de março e abril, conclui-se ser grande e regular seja a movimentação seja a atividade da Sub-regional de Teresina. Em apenas dois meses, sete reuniões, além dos encontros, cursos e palestras ocasionais. E estiveram presentes às reuniões variado número de Congregações, masculinas e femininas, e comunidades diferentes de uma mesma congregação. Tudo indica que haverá de ser assim o ano todo pela detalhada programação futura.

CREIO EM JESUS CRISTO

J. B. LIBÂNIO

A vida desafia o homem. Não o deixa sem poder dar uma resposta. O não-decidir, a pior das alienações, em última análise não pode ser a perspectiva central da existência. Levá-lo-ia a tal frustração que seu psiquismo não resistiria a longo prazo. O campo religioso impõe-se necessariamente ao homem como uma dimensão fundamental de sua vida. Se alguma análise psicológica do homem quer esgotar-lhe as dimensões não pode esquecer a dimensão profunda da religiosidade, do encontro do homem com o Absoluto.

As maneiras desse encontro, as possibilidades de diferentes percepções e tematizações de tal realidade podem variar ao extremo. Mas a realidade continua desafiadora, exigindo resposta.

O crer e não-crer pertencem portanto a esse tipo de realidade ineludível. São experiências tão profundas que acompanham o homem ao longo de toda a sua vida, sem que mesmo ele reflita expressamente sobre elas. O Absoluto se nos impõe a cada momento com suas exigências. Vivemos dando respostas (1).

O cristianismo pretende dar um passo a mais na explicação da realidade humana, reivindicando ser o único a dar o verdadeiro sentido do existir, percebido de modo confuso

e muitas vezes errôneo pelos homens. A pretensão do cristianismo é enorme. Sem circunlóquios, apresenta-se como a articulação histórica mais perfeita da manifestação de Deus no mundo. Sob certo sentido única. Não nega de modo nenhum a ação divina em todos os homens desde o instante em que surgiu a consciência no meio animal.

Deus é o eterno revelador. Todas as estruturas humanas, apesar de sua ambigüidade, são reveladoras de Deus. Há uma revelação permanente. Mas ao lado de tudo isto, o cristianismo se apresenta como o fim, a plenitude de toda revelação, o ponto-intelecção de toda a realidade humana em profundidade, a chave de compreensão da história humana, toda ela história de salvação e condenação (2).

Nessa sua tremenda e audaciosa reivindicação, o cristianismo apresenta aos homens, numa fórmula simples, todo o sentido da realidade humana: creio em Jesus Cristo, o enviado de Deus, o revelador do Pai, a manifestação máxima de Deus Pai entre os homens, o homem mais perfeito e humano que jamais existiu e tão humano, tão homem, que temos que dizer que é também Deus.

Muitas vezes temos considerado a fé como uma pergunta nossa a Deus. Mas no fundo, é Deus que nos questiona com a fé. Não devo perguntar porque Deus se revela, porque Jesus Cristo é o Filho de Deus, mas que Deus me pergunta em Jesus Cristo. Deus é o eterno perguntador, mais que o eterno perguntado (3). Que pergunta ele nos faz em Jesus Cristo? Eis a nossa questão.

Risco do mítico

Na mentalidade primitiva ou arcaica os objetos do mundo e as ações humanas não têm valor autônomo em si. Busca-se encontrar uma relação com uma força superior, estranha (4). Certas apresentações de Cristo parecem responder a esta mentalidade primitiva. O homem num desejo profundo de superar-se a si mesmo busca sempre um contacto profundo com a divindade ou fá-la então praticando os atos que ele mesmo pratica (5). A encarnação de Cristo poderia responder a este esquema primitivo, encontrado em mitos pagãos, de um deus que assume uma forma humana, convive com os homens e depois volta a seu mundo divino, realizando a salvação dos homens (6).

O divino de Cristo não seria então senão uma projeção do homem. Nada haveria de real, se não os nossos desejos. Não seria um deus que se encarnou, mas o homem que se colocou na família dos deuses. As nossas fraquezas teriam criado Cristo e nossa consciência hoje tem a função de desmontar tal esquema primitivo.

Estas dificuldades já levantadas de modo violento em séculos passados retornam de novo, cada vez com novas nuances, mas no fundo retendo seu ponto central: o homem criou o mito de Jesus Cristo. Poderá ter sido um simples homem, inteligente, genial mesmo, mas nunca um deus (7).

Num primeiro momento, parece impossível negar certa semelhança entre a história de Jesus Cristo, o Filho de Deus feito carne, que viveu

entre nós, sofreu e de modo glorioso retorna aos céus, redimindo os homens, e certos mitos pagãos de deuses que se fazem homem, que redimem os homens pelo sofrimento. Mas uma reflexão mais profunda e detalhada, facilmente mostraria a enorme diferença entre tais mitos e a realidade de Jesus Cristo. Não nos deteremos na comparação, mas simplesmente na reflexão sobre Jesus Cristo e ela será suficiente para fazer-nos ver sua originalidade.

Mas cabe também uma outra reflexão. Não é o homem que cria um deus próximo a ele, encarnado, redimindo-o, pois a Encarnação de Deus, que deveria acontecer um dia na história humana, não é uma realidade ligada somente às coordenadas históricas daquele momento. Ela se tornou pela força mesma de sua realidade, determinante da própria estrutura humana.

O homem é um ser feito para essa comunhão profunda com Deus, porque o Deus que o criou é o mesmo que o chama a esse contacto profundo com ele por meio de seu Filho feito homem. O chamado de Deus não se faz de fora. Não é voz que soa. É realidade que toca o ser mesmo do homem. Molda-o. Fá-lo um eterno peregrino de Deus. A sede do encontro com Deus está dentro da própria estrutura do ser humano (8). Mais. A encarnação precedeu o próprio existir do homem. Pois foi no Cristo, que o homem foi criado. Para ele e por ele [Col 1,16].

O humano em Cristo revela Deus

Humano assim só pode ser Deus mesmo! Jesus, o Homem que é Deus

(9). Eis o grande mistério de Cristo! Aí está sua revelação.

a. **Transcendência e presença de Deus.** As tradições religiosas dos povos antigos apresentam-nos Deus ou os deuses, em geral, no seu poderio, na sua glória, impondo-se aos homens com todo o peso de sua grandeza. No Antigo Testamento, a santidade (aparece-nos como uma definição mesma de Deus (Is, 6,3). Seu nome é santo (Am, 2,7; Lev 20,3) e esta santidade abre um abismo entre Deus, perdido nos fulgores de sua divindade, e o homem, na sua extrema fraqueza. Abismo intransponível.

Uma reflexão cada vez mais explícita no A. T. vai salientando tal separação, a ponto de o judeu temer dizer o próprio nome de Deus. Ao aproximar-se de Javé, a terra tremeu, os céus gemeram, as nuvens fundiram-se em água, as montanhas derretem-se (Jz 5,4-5). Imagens

ousadas para exprimir toda a grandeza de Javé. Diante dele toda carne treme, na sua consciência de pecadora. Mas também os anjos, os serafins se cobrem a face de respeito e temor (Is 6,2).

Numa palavra, ninguém pode contemplar a grandeza de Deus e ainda continuar em vida (Ex 33,20). Deve morrer. Sua glória, seu esplendor excedem a possibilidade humana de apreensão. Deus é realmente poderoso, todos os povos lhe pertencem (Ex 19,5). As maiores forças do mundo, os maiores impérios são como nada diante dele (Is 40,15-17). É o senhor absoluto do tempo (Sl 90,4). Só pode viver, quem recebe dele a vida (Gên 2,7; Nu 27,16).

Ao lado de todas estas revelações de Deus, conheceu Israel também a presença amorosa de Deus entre eles. Seria incorreto só falar dessa face de Deus, como a única conhecida por Israel. Não. Deus é para os homens do Antigo Testamento o Salvador (Ex 3,13-15; 6,2-8), aquele que escolhe Israel por amor num ato de pura eleição gratuita e livre, sendo tal proximidade o grande privilégio de Israel (Dt 4;7). Só o amor de Deus explica tal escolha (Os 3,1; Jer 3, Ez 16). Deus se apresenta como quem tem sentimentos de mãe, pai, pastor (Ex 37), noivo, esposo (Os 2,16).

Apesar de todas essas revelações de Javé, usando expressões tão humanas, colocando em Javé sentimentos tão próprios de homens, contudo Ele sempre permanecerá o inatingível, aquele que habita na luz inacessível (1 Tim 6,16) (10).

b. Jesus Cristo, plenitude e fim da história. Na dialética entre transcendência e imanência de Deus, houve um momento privilegiado, único, definitivo e insuperável. Aí Deus se esgotou totalmente, dizendo tudo que podia dizer ao homem, revelando-lhe todas as suas palavras, porque lhe enviou a sua Palavra em forma de carne. Não se trata mais de uma simples presença de Deus através dos acontecimentos, como os homens do Antigo Testamento costumavam descobrir.

Aquela fidelidade de Javé ao povo de Israel, assistindo-o em seus momentos difíceis em mostrando-se-lhe benévolo, misericordioso, presente no correr da história, encontra agora um momento definitivo, universal. Ultrapassa as fronteiras geográficas e políticas de Israel, supera mesmo os limites da história humana, para envolver toda a realidade cósmica. O diálogo entre Deus e os homens encontra um sim definitivo, absoluto. Este é o verdadeiro **"kairós"**, isto é, momento privilegiado da história Jesus Cristo.

Mais. Não é somente um **"kairós"**, mas também um **"telos"**: o fim definitivo. Aquilo por que toda a história do cosmos e da humanidade suspirava, aquilo para onde tudo tendia e tende, numa plenificação e antecipação ao mesmo tempo, aconteceu no homem Jesus.

O humano de Cristo é agora a máxima revelação de Deus. Não serão mais os fulgores, os raios, os tremores de terra, o fundir-se das montanhas, o derreter-se das nuvens, as vitórias esmagadoras sobre os inimigos, o privilégio da existência de um

povo, a aliança sinaítica, os ritos, os sacrifícios, enfim todos esses acontecimentos e realidades cósmicas, que serão para nós o grande sinal-presença de Deus, mas o homem Jesus Cristo.

c. **Jesus, manifestação de Deus.** Jesus Cristo, enquanto homem, é a máxima presença de Deus entre nós, a máxima manisfestação de Deus, a última e definitiva presencialização de Deus. No seu agir humano, no seu viver humano, no extremo de humano na sua existência, Cristo manifesta Deus para nós. Quando poderíamos pensar que o mando, a glória, o sobrepor-se acima de tudo fosse realmente o mais divino, Cristo nos ensina, nos manifesta que ao assumir a forma de servo (Fil 2,7), ao servir e não querer ser servido (Mt 20,28), ao ser pobre e humilde, nos revela Deus.

Tão humilde, tão decidido, tão só-para-outros, tão desprendido de si mesmo a ponto de não ter um lugar para abrigrar-se (Mt 8,20), tão preocupado em anunciar a salvação aos homens que se esquece até mesmo de comer (Mt 15,32), tão atento às necessidades do povo simples (Mt 14,16), não podia ser outro que Deus.

No mais humano de ser-totalmente-para-os-homens Jesus Cristo está revelando aos homens a verdadeira face de Deus. Os homens nunca poderiam imaginar que Deus é por natureza o "Ser-para". Antes poderíamos pensar que o divino por excelência fosse o "Ser-em-si". Mas o Divino é o Ser-para. Todo o Ser de Deus Pai é ser para o Pai e para o Espírito Santo. Todo o Ser do Filho é ser para o Pai e para o Espírito Santo; e todo o Ser do Espírito Santo é ser para o Pai e para o Filho (11). Em só sendo para os outros, Cristo está revelando aos homens quem é Deus.

d. **Jesus revela um Deus estranho.** Deus não se conhece na especulação vazia e fria de um escritório. Deus não se entende no raciocínio dedutivo da mente humana. Quem é Deus, só se responde olhando e aprendendo do homem Jesus. Nele podemos ir fazendo lentamente uma idéia de Deus. Nele podemos ir compreendendo um pouco do mistério insondável de Deus. Foi a experiência que os homens do Novo Testa-

mento tiveram de Cristo que lhes revelou quem era Deus. Tiveram de fazer, sem dúvida, uma profunda conversão. Muitos judeus não conseguiram fazer esta metânoia e abandonaram Cristo, abandonando o próprio Javé.

O evangelho não nos oculta esse momento doloroso da crise, do discernimento. Não souberam ler na face de Cristo, a face de Deus. Cristo revelava em Deus que não enquadrava com o esquema que tinha concebido de Deus. "Muitos discípulos disseram: esta linguagem é muito dura. Quem pode escutá-la?" E João acrescenta, certamente não sem sofrimento, que "desde então, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não mais acompanharam a Cristo" (Jo 6,60-66).

E que linguagem dura era esta? A frase está dentro do capítulo VI de S. João. Que nos comunica este capítulo tão maravilhoso? Que escândalo ele causa a ponto de muitos discípulos voltarem atrás? Eles tinham já dado um primeiro passo em direção a Cristo. Mas diante de tal realidade, recuam. Não reflete João um problema que ultrapassa as fronteiras da comunidade primitiva e se torna o nosso problema?

O realismo da visão de João é tão violento que nos faz tremer. A vida do mundo, vida que para João tem riqueza insuportável, só é possível para quem comer do Pão descido do céu (Jo 6,51), em alusão clara ao mistério da Encarnação. Este Pão dado por Cristo é sua carne (Jo 6, 51). Comer desse Pão é crer na sua mais radical maneira, aceitar essa manifestação de Deus em Cristo (12).

Na raiz de dualismo joaneico de vida-morte, esconde-se a dupla realidade: oposição entre Deus que se revela em seu Filho e o princípe deste mundo, das trevas, da morte (1 Jo 1,6; 2,29-3,10) (13). Portanto só pode participar da vida divina, aquele que aceitar a manifestação de Deus em Cristo. O humano de Cristo é a única maneira de podermos chegar a Deus. Só ele manifesta verdadeiramente quem é Deus.

João continua mais longe seu realismo no capítulo VI. O Pão descido do céu não se manifesta somente na carne de Cristo mas continua sua presença real, entre nós, no mistério da Eucaristia. "Comer do Pão da vida" não é só crer na realidade histórica de Jesus, mas também na sua continuada presença entre nós na Eucaristia. "Se não comerdes da carne do Filho do homem e não beberdes de seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6,53).

Já não é mais somente a carne do Verbo encarnado, mas sua carne e sangue — expressão claramente eucarística — na forma sacramental (14). De novo, temos a conexão direta entre essa participação e a posse da vida. Esta vida que é terrestre e escatológica (Jo 6,27.40.47. 63), bem que já está presente nessa terra (Jo 6;47.54) e que virá (Jo 5;29), vida que é a fonte única para todos (Jo 17;3; 1 Jo 5,11-13) somente pode ser obtida em Cristo.

e. **Jesus revela Deus na sua fidelidade livre.** O humano em Cristo revela-nos Deus. Este humano aparece também na fidelidade total e livre a sua missão. Cristo aparece-nos como o homem mais obediente, mais

totalmente engajado com sua missão que ninguém. Sua obediência não se deteve diante da morte (Fil 2,8), mas foi até o fim.

Obediência que se manifestava diante da Lei de Moisés, indo à Sinagoga ler e ouvir as Escrituras (Mc 1,21), fazendo viagens a Jerusalém por ocasião das grandes festas (Jo 7,10), sendo circundado (Lc 2, 21), numa palavra sendo sujeito à lei (Gal 4,4).Mas, ninguém foi tão livre diante da Lei e dos costumes de sua época como ele. Viveu tão livre que nenhuma lei o limitava, o escravizava, o impedia de cumprir sua missão.

Quando em dia de sábado curava enfermos (Mc 3,1-6), não temia a falsa interpretação dos fariseus que lá estavam para condená-lo. Quando seus discípulos violando o costume dos judeus de lavarem as mãos antes de comer (Mc 7,1-23) tomam refeições com mãos impuras, Jesus tranquilamente argui seus adversários de hipocrisia. O que macula o homem, vem de dentro.

Se era proibido arrancar espigas de milho em dia de sábado, seus discípulos são defendidos pelo mestre ao fazerem isto (Mc 2, 23-27) com aquela célebre frase: o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. Sua liberdade vem de uma visão clarividente da realidade. Nenhuma lei faz que ele perca o seu verdadeiro sentido. Não o escraviza. Num país em que a situação da mulher era inferior e em que uma adúltera era condenada à morte por lapidação (Dt 22, 22-24; Lv 20,10), Jesus não teme deixar-se tocar por uma mulher pecadora (Lc 7,36-50), perdoa a adúltera (Jo 8, 11). Jesus nos aparece livre diante de todas essas leis e costumes.

Ora, ser obediente como foi e ao mesmo tempo tão livre, só pode ser Deus. Aquele que transpirava poder e autoridade, como ninguém antes dele (Mt7;29), que calava com freqüencia a boca de seus adversários com suas respostas, que sujeitava os espíritos imundos, a quem o povo infinitas vezes louvava e de quem se maravilhava, é o mesmo que foi sujeito a seus pais nos obscuros anos de Nazaré, que é exigente na obediência à lei, que vive humilde entre os humildes.

Viver de tal maneira, esta dialética de obediência e da liberdade, sem que a obediência se torne servilismo e a liberdade independência orgulhosa só pode ser Deus (15).

f. **Jesus, o homem simples que se deixou amar.** O humano de Cristo não só nos manifesta Deus no seu ser totalmente-para-os-outros, na fidelidade livre diante de sua missão até o fim, até a morte, mas também pelo sentido simples e quase ingênuo do existir entre homens. Foi um homem de um imenso bom senso (16). Soube sentir a beleza da natureza, seja na singeleza do lírio do campo, no vôo desprentencioso dos pássaros (Mt 6,25ss), como na violência das tempestades (Mc 4,35-41), na majestade grandiosa do templo (Mc 13,1-2). A série enorme de suas parábolas denuncia um espírito aberto a todos os segredos da natureza, acostumado a seguir o seu ciclo.

Este homem Jesus não só soube amar, ser radicalmente para os homens, mas soube deixar-se amar.

concreta da vida de Jesus, de modo absoluto e para sempre. Aí estamos tocando o próprio mistério da Encarnação. Tal risco de amar em toda sua radicalidade, feita por um homem, seria loucura, absurdo, se esse homem não fosse o Filho de Deus.

Nele aprendemos o segredo e o mistério do amor humano, que na sua última radicalidade é divino (17). Nós só o viveremos na fragilidade do criatural, na limitação do humano-a-caminho da Encarnação. Este humano-a-caminho-do-divino somos nós, enquanto que o humano-divino é Cristo.

Jesus Cristo sendo Deus revela o homem

O homem sempre buscou uma intelecção de si mesmo. Ele aparece para si como um enigma e como um mistério. Experimenta-se sobretudo como um ser-carência. No plano do biológico, nasce uma criança inerme, sem possibilidade de defender-se, entregue totalmente aos outros.Se os pais não sustentarem, morre. Ainda que superior ao animal na escala da evolução, contudo é-lhe inferior na capacidade de defender-se no início da existência.

No plano afetivo, o homem sente ainda mais sua carência. Necessita ser amado para poder ter confiança na vida, para chegar a um equilíbrio humano. Na medida que vai vivendo, o homem vai experimentando de modo irrefutável uma exigência, uma carência de Absoluto, que nada pode satisfazer plenamente. O homem experimenta-se portanto como um carente do infinito, um peregrino do Absoluto, um ser que sempre busca e deseja por além do que possui, do que é.

Na história dos homens, vemos que se buscou concretizar tal anseio ora absolutilizando o nível do biológico, colocando todas as aspirações na busca do pão, do vestir, do consumo, do dinheiro. Na antiguidade, cultuou-se o deus do pão. Hoje este deus continua tão vivo como antes, sob a veste do dólar, do luxo, dos bens de consumo. Nesta perspectiva, o homem queria encontrar na posse a realização total de seus desejos profundos.

Outros criaram o deus do eros. A dimensão afetiva é absolutizada na sua forma de prazer. O deus eros

surge como resposta a essa carência transcendental do homem. Cultuado na antiguidade em múltiplas formas de rito e cerimônias, hoje adquiriu formas ainda mais violentas e agressivas, através do poderio dos meios de comunicação de massa. H. Cox mostra o paralelismo entre a descrição de Lucrécio da procissão de Cibele e o desfile da Miss América na Atlantic City, onde aparecem como que dois cultos (18).

Na busca de satisfazer esses desejos profundos, outros erigiram o culto do mando. Dominar, escravizar os homens, ser senhor deles parece poder responder a essa sede de infinito do homem. Ao longo de sua história, os homens sempre tentaram e ainda tentam sob as formas mais diferentes realizar-se através do mando, do despotismo. Por isso nunca faltarão déspostas, ditadores-tiranos, homens embriagados de poder, ávidos de dominar seus semelhantes.

Entretanto, a experiência humana vai provando que nenhuma dessas formas pode saciar ralmente o homem. Ele continua então esse enigma, esse mistério. Quem é o homem? Por que esse desejo de infinito? Onde encontrar uma resposta a essa pergunta? Quem revela o homem ao homem? Em cada ato humano o homem se encontra como um ser de uma necessidade, carência transcendental. Esta divisão profunda entre seu ato limitado, pequeno, insignificante mesmo, preso às coordenadas do tempo e do espaço, e seu impulso, desejo, anseio de infinitude dilacera o homem por dentro. Fá-lo viver na eterna interrogação: quem sou eu?

No momento em que nos encontramos com Jesus Cristo, Deus feito homem, podemos começar a compreender esse mistério do homem. O homem é um ser aberto para o infinito a tal ponto que pode ser assumido por Deus numa unidade profundíssima. Sua plena e absoluta realização, sua total plenitude encontra a resposta em Jesus Cristo. A unidade entre transcedência — que aparece no seu eterno buscar, ansiar, desejar, estar-aberto — e historicidade — sua possibilidade de só ser contigente, ligado ao tempo e espaço — encontra na auto-comunicação de Deus ao homem Jesus na unidade da Encarnação sua plena realização.

Em Cristo, a presença do homem encontra um lugar na história. Seus desejos não são projeções irreais, não são criações de veleidade, mas se explicam no mistério de Jesus. Jesus responde com sua vida, com sua realidade tônica, o que os bilhões de anos da humanidade não conseguiram resolver. Onde o Trancendente se historiciza, aí parece a luz para intelecção do homem. Onde o verbo se faz carne, aí a esperança humana se concretiza, se torna real. Todo o processo da humanidade recebe sentido, se torna **lógos**, precisamente porque o **Lógos** entrou em tal processo, fazendo-se carne, fazendo-se história (19).

O homem é eterna interrogação a si mesmo. Jesus é sua resposta. Resposta, porque também proposta. Propõe ao homem um novo sentido, um novo **lógos**, para sua existência, ele o **Lógos** eterno.

CONCLUSÃO

Creio em Jesus Cristo a esta altura recebeu um pouco mais de luz. Não creio num deus mítico, que apareceu em forma humana para satisfazer a curiosidade e anseios humanos.

Creio no mais humano dos homens, que nesse excesso de humano me revela Deus.

Creio naquele que só-foi-para-os outros e nessa doação total me revelou Deus.

Creio naquele que viveu em plenitude dialética da obediência a sua missão e a liberdade interior diante de qualquer lei, qualquer costume, qualquer realidade.

Creio naquele que na simplicidade de sua vida, na singeleza de seu existir, no encanto de suas amizades me revelou a face divina.

Creio enfim, naquele que em sendo Deus me revelou a mim mesmo a minha própria realidade de homem. Indica-me o sentido de todos os meus anseios, é verdadeiramente o **lógos** de minha vida, porque **Ele** é o **Lógos** feito nossa vida, nossa história.

Crer em Jesus Cristo é crer em Deus e crer no homem, porque Ele é Deus e homem. Crer em Jesus é ser-esperança, é ter-esperança, porque onde o transcendente e o histórico se encontram, aí é o lugar da esperança. Sem histórico não há esperança, porque tudo é estático. Sem transcendente, não há esperança, porque tudo é caduco e transitório. Mas onde os dois se encontram na unidade da pessoa de Jesus Cristo, aí existe um lugar privilegiado da Esperança. Enquanto a humanidade crer em Jesus Cristo, haverá lugar para esperar. E na medida em que essa fé for viva. nessa medida um horizonte mais claro se abre a nossos olhos. A esperança é uma realidade de ontem, de hoje e de sempre, porque Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e será para sempre. (Heb 13,8).

NOTAS

(1) K. Rahner, Ich glaube an Jesus Christus, em Schriften zur Theologie, Einsiedeln 1967, B.VIII, p. 213.

(2) Cf. H. Fries, Absolutheitsanspruch des Christentums, em: Lexikon für Theologie und Kirche, Freiburg 1957, I, 71-77.

(3) J.M. González-Ruiz, Creer es comprometerse, Barcelona 1968, p. 11.

(4) M. Eliade, Le mythe de l'Eternel retour. Archétypes et répétition, Gallimard, 1949, p. 17.

(5) Ver entre outros: F. Cumont, Les religions orientales dans le paganisme romain, Paris 1929.

(6) K. Rahner, Jesus Christus, III. Dogmatische Vermittlung, em: Sacramentum Mundi, Theologisches Lexikon für die Praxis, Freiburg 1968, v. II, col. 929.

(7) A. Kolping, Fundamentaltheologie I. Theorie der Glaubwürdigkeitserkenntis der Offenbarung, Münster 1968, p. 189 ss.

(8) K. Rahner, Natur und Gnade, em: Schrift en zur Theologie, Einsiedeln 1964, B. IV, pp. 209-236.

(9) L. Boff, Humano assim só pode ser Deus! em: Grande Sinal 25 (1971, set.) pp. 511-28.

(10) W. Eichrodt, Theologie des Alten Testamentes, Stuttgart-Gottingen 71962, v. I, pp. 147 ss.

(11) J. Galot, La personne du Christ, (Col. Théologie et Vie) Gembloux 1969.

(12) M. Schmaus, Der Glaube der Kirche, München 1970, II, 323.

(13) D. Mollat, De notione vitae apud sanctum Joannem, as instar manuscripti. Romae 1959-1960, p. 25.

(14) X. Léon-Dufour, Le mystère du Pain de vie, em: RecScRel 46(1958) pp. 481ss.

(15) Hasenhüttl, Charisma. Ordnungsprinzip der Kirche, Freiburg 1969, p. 20ss.

(16) L. Boff, Jesus, alguém de extraordinário bom senso, em: Grande Sinal 25(1971,abril) pp. 189-202.

(17) K. Rahner, Wer bist Du eigentlich — Jesus? Auf der Suche nach Zugangenzum Verstandnis des gottmenschlichen Geheimnisses Jesu, em: Geist und Leben 44(1971,6) p. 406.

(18) H. Cox, The secular city, London 1967, p. 193.

(19) K. Rahner, Jesus Christus, III. Dogmatische Vermittlung, em: Sacramentum Mundi, Freiburg 1968, v. II, col. 929 ss.

A Ressurreição de Jesus Cristo

"POR QUE PROCURAIS ENTRE OS MORTOS AQUELE QUE ESTÁ VIVO?" Lc 24,5

AQUINO R. TORRES, OFM

É Páscoa. Dia de festa e de alegria para todo aquele que crê e aceita Jesus Cristo. É alegria e festa sobretudo na Liturgia: "O Senhor ressuscitou!" "O Senhor em verdade está vivo!" — É o brado jubiloso da Igreja.

Qual é para nós o sentido de tal afirmação? Que sentido tem para mim a Páscoa e a ressurreição de Jesus Cristo?

1. Páscoa e Ressurreição encontram um profundo eco no coração do homem.

O homem é o único ser que nunca está contente consigo mesmo. O homem quer sempre ter e possuir algo a mais. Mais! Este monossílabo da nossa língua talvez seja a palavra que mais caracteriza o homem nas suas aspirações e anseios profundos. O homem tem uma sede insaciável de mais: mais dinheiro, mais conforto, mais amor, mais compreensão, mais vida. Ele nunca diz basta. O homem quer sempre novas coisas. O homem tem sede de novidades. O nosso tempo também está cheio deste sentimento. Em toda parte encontra-se a palavra "novo" como se ela possuísse um poder mágico de operar a transformação das coisas e tornar-se assim o homem mais feliz.

Neste buscar algo mais, na incessante procura do "novo", o homem se ultrapassa, se liberta, renova-se. Renovação, libertação encontram um profundo eco na nossa existên-

cia e no nosso ser. E o homem só se encontrará verdadeiramente no momento em que conseguir libertar-se e ultrapassar-se inteiramente a si próprio.

Embora o homem tenha o desejo intenso de sair de si; de deixar o mundo estreito e mesquinho da própria pessoa para ir ao encontro do outro, ao encontro de um mundo mais vasto e novo; embora o homem traga consigo a ânsia incontida do infinito e do absoluto, ele se acha infelizmente num círculo fechado; se sente impotente para realizar seu mais profundo desejo que é o desejo de superar-se.

II. Cristo veio ao encontro deste desejo do homem.

Somente um homem pôde realizar isto por sua própria força: Jesus Cristo. Nele Deus tornou-se Homem com todas as consequências. Viveu e sentiu como nós. Submeteu-se como qualquer outro homem, às necessidades da nossa natureza, da nossa vida, das nossas condições históricas. Tomou consciência de tudo o que é humano. S. Paulo afirma que ele foi em tudo igual aos homens exceto no pecado. Ora, tanto isto é verdade que jamais fez um milagre para diminuir um pouco as barreiras, as dificuldades que encontrou em demasia, ao longo de toda sua vida.

Pois bem, em Cristo a porta se abriu. "Eu sou a porta" (Jo 10,7). Em Cristo, Deus veio ao encontro dos homens com seus desejos, com suas aspirações, com sua vida atribulada. Cristo abriu a porta por sua vida, isto é: Vivendo como no meio dos homens, mas sobretudo por sua paixão e ressurreição.

Crer é isto. Crer é aceitar que Cristo se fez homem, morreu e ressuscitou, e se tornou assim o fundamento da existência de cada homem; a realização dos desejos do seu coração e a medida e a força de todo seu viver e fazer.

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida", diz o Senhor (Jo 14,6). O caminho é a passagem, a superação do próprio ser. Aceitando Cristo, o homem segue o caminho, o único caminho concreto e personificado, que o conduz para fora do seu mundo fechado; que o conduz para a libertação e renovação em Deus. Nossa fé é isto! Nós não cremos em puras verdades filosóficas, nós cremos numa pessoa: Jesus Cristo, o Nazareno; verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que ressuscitou, que venceu a morte.

A nossa fé também não nos leva a diminuir a realidade ou a encontrar soluções fáceis e milagrosas, mágicas, para as nossas dificuldades, como é o caso do Changô e do Espiritismo. Tão pouco nos leva a experiências arrebatadoras, misteriosas; a extraordinárias revelações espirituais.

Para o crente, para aquele que crê, a vida não se muda em outra espécie de vida diferente, mas continua a mesma. O estado de saúde, bom ou mal, continua o mesmo. O crente continua a trabalhar como antes trabalhava. Nas suas mãos a máquina não fica mais poderosa. Seu roçado não vai produzir mais que o roçado do vizinho que não

crê. A doença continua tão complicada como antes. Tudo continua no mesmo lugar e no entanto a porta está aberta. As coisas, a vida e os afazeres agora têm um sentido. A vida com as suas alegrias e tristezas, com suas vitórias e fossas por vezes tão profundas, têm o seu sentido. O homem torna-se diferente porque adquiriu uma nova mentalidade, um novo modo de conhecer e ver as realidades do mundo que o cerca e que ele vive.

III. Em Cristo nos tornamos uma nova criatura.

O homem torna-se em Cristo uma nova criatura. São Paulo nos adverte que para ser uma **nova criatura** devemos morrer ao pecado. "Que diremos então? Continuaremos a viver no pecado, para que abunde a graça? De modo algum. Nós que morremos para o pecado, como continuaremos a viver? Ignorais acaso, que todos que fomos batizados em Cristo, fomos batizados para participar de sua morte? Com Ele fomos sepultados pelo batismo para que, participando de sua morte, vivamos também nós, uma VIDA NOVA, como Ele que ressuscitou dentre dos mortos pela glória do Pai. Porque se estamos corporados nele pela semelhança com sua morte, com certeza também o seremos pela semelhança com sua ressurreição. "Bem o sabemos: O nosso homem velho foi crucificado em nós para que desapareça o corpo sujeito ao pecado." (Rom 6,1-6).

A mentânoia, a transformação que Jesus prega e exige não é só a do coração, mas também das estruturas de injustiça e opressão que o homem cria. A nova criatura é aquela liberta do pecado no sentido individual e social. Daí a minha responsabilidade diante da comunidade.

Cristo é o motivo e o promotor da vida nova do cristão. "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11,25). Quando nós ouvimos a palavra ressurreição, pensamos geralmente ou no fato histórico da ressurreição de Jesus Cristo ou na ressurreição dos mortos do juízo final. A mesma coisa se dá com a palavra "Vida Eterna". Pensamos ordinariamente no futuro que se segue depois da morte e que durará sempre, eternamente.

Embora tal concepção não seja falsa, não podemos dizer que ela encerre toda a verdade da revelação. Jesus Cristo é a ressurreição não só depois da sua morte, mas no momento mesmo em que ele fala com Marta. Ele é a própria ressurreição, como é a própria vida. Sua missão é fazer com que o homem entre na posse da Vida.

"Quem crê em mim tem a vida" (Jo 14,6). Em 1 Jo 5,12 lemos: "Quem tem o filho tem a vida; quem não tem o filho não tem a vida;" E ainda mais: Suas palavras são a vida. "As palavras que eu vos disse são espírito e são vida" (Jo 6,63).

Para participar na vida e ressurreição de Cristo é preciso ter fé nele e conservar suas palavras. É preciso unir-se de maneira cada vez mais estreita com Jesus e escutar suas palavras.

Cristo não é somente o homem que ressuscitou, mas ele é **O** Ressuscitado. Ele está vivo no meio de

nós. Sua presença é uma presença dinâmica.

Hoje tem-se a tentação de falar somente do Cristo como um herói de um mundo melhor; aquele que veio aperfeiçoar o homem em todas as perspectivas de desenvolvimento: No amor, no campo social e técnico etc. O Cristo é colocado na vanguarda da promoção do homem. Ou ainda: fala-se do Cristo da perfeição moral, numa linha de justiça e de amor. Tudo isto está muito certo. Contudo há um ponto central na sua vida e na sua mensagem: **a sua Páscoa,** a sua "hora". Ou seja, o mistério de sua morte e ressurreição. Páscoa quer dizer passagem. É a passagem daquele Cristo pobremente nascido entre animais, daquele Cristo que foi tentado, que experimentou as penúrias e as limitações da vida humana; que sentiu fome e sede, que sentiu a incompreensão dos homens; que foi negado e renegado. É a passagem do Cristo sofredor para o Cristo glorioso. O Cristo que não mais padece; que não sente a atenção. O Cristo que não morre mais; o Cristo ressuscitado, livre de todos os empecilhos. Cristo que venceu a morte, o ódio, a calúnia, as situações alienantes. Nele se realiza o novo céu e a nova terra e por tanto o novo homem.

E assim Cristo dá resposta ao homem sedento de amor e do absoluto, de compreensão e de vida. "Se morremos com Cristo, também com ele viveremos" (Rom 6,8). A ressurreição de Cristo trouxe uma feliz saída para todos os nossos anseios. Com a ressurreição de Cristo a nossa vida e até o sem-sentido da morte têm agora um sentido certo. Nele "seremos todos vivificados" (1 Cor 15,22). Com a ressurreição de Cristo abriu-se a porta para o mundo maravilhoso, infinitamente maior e mais sublime que o mundo mesquinho do pecado; abriu-se a porta para o futuro absoluto, e uma esperança imortal e salvadora penetrou no coração do homem.

Na morte de um Homem, Cristo, Deus semeou a vida sem-fim de todos os homens. "Com efeito, por um Homem veio a morte, por um Homem veio também a ressurreição dos mortos" (1 Cor 15,21). E em Rom 5,12 ss lemos: "Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim a morte passou para todo gênero humano, porque todos pecaram...

Cristo convida o homem a fazer também a sua páscoa. Cristo ressucitado nos convida a vencer o desânimo, o pessimismo, a incompreensão e o egoísmo. Quanta gente vive encostada, vegetando, de armas no chão. Não será isto falta de fé? Fé na ressurreição de Cristo? Tende fé, isto é, tende coragem, eu venci o mundo!

IV. Cristo nos convida a fazermos a NOSSA PÁSCOA.

Portanto, como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todos os homens, assim também, por um só ato de justiça recebem todos os homens a justificação que dá a vida. Assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornaram justos."

A vitória de Cristo sobre a morte nos dá coragem, nos impele a lutar contra toda desesperança para implantar o Reino de Deus em nós e na nossa sociedade; a lutar contra tudo que impede o homem de crescer e de ser livre; tudo aquilo que faz dele um escravo dos seus próprios instintos e imperfeições, escravo de outros e de estruturas opressoras.

Cristo ressuscitado nos convida vencer a morte que vive em nós, toda a espécie de morte: a falta de amor, falta de fé, impaciência diante das fraquezas do próximo, das nossas próprias fraquezas; invejas, ciúmes, individualismo, comodismo. Ora, tudo isto é morte que torna nossa vida religiosa estiolada, enfraquecida, emperrada, raquítica, sem que possa crescer. Cada falta na minha vida é uma pedra a mais que fecha a sepultura de Cristo na minha alma, impedindo-o de ressuscitar. Se Cristo não ressuscitar em mim, continuará incompleta a sua ressurreição. Eu como membro do seu corpo místico preciso ressuscitar com Ele. A ressurreição de Cristo nos lembra que vale a pena a gente lutar por mais fraternismo, por mais justiça, por mais amor entre os homens.

Cristo ressuscitado torna-se universal, soberano, total. E assim Ele nos convida ao ultrapassar-nos, a superar-nos a nós mesmos com os nossos horizontes estreitos e mesquinhos; e nos convida a irmos corajosamente ao encontro do outro, mesmo com o risco do fracasso. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, é morrendo que se vive para a vida eterna.

"Por que procurais entre os mortos aquele que está vivo?

Não está aqui. Ressuscitou" (Lc 24, 5-6).

A REGIONAL DE FLORIANÓPOLIS SUL — 4

UM POUCO DE HISTÓRIA

Santa Catarina é uma generosa faixa de terra que se estende do Oceano Atlântico à fronteira com a Argentina.

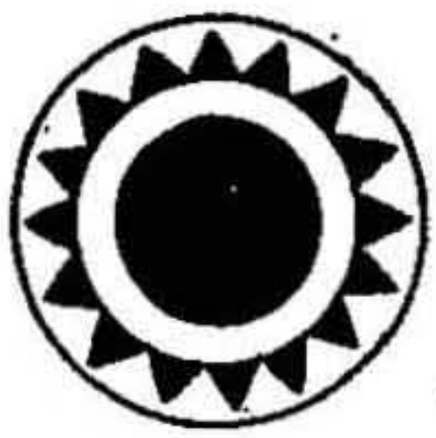
Do litoral até os confins do Estado o solo é fértil, produtivo em recursos minerais, oferecendo ao homem mil fontes de progresso. Entre as deslumbrantes paisagens, as culturas agrícolas encontram clima adequado ao seu florescimento, enquanto as áreas industrializadas, especialmente no Vale do Itajaí e no Norte do Estado, crescem rapidamente.

Colocado geograficamente entre dois Estados, grandes Estados: Rio Grande do Sul e Paraná, Santa Catarina surge hoje como o terceiro polo econômico do Extremo Sul, integrado definitivamente no processo de desenvolvimento da Região.

A Ilha de Santa Catarina, Laguna e São Francisco, serviram de base à formação do Estado Sulino. Enquanto Florianópolis desponta para o progresso, São Francisco e Laguna quedam-se na lembrança de um passado de fausto.

Com a chegada do Dr. Blumenau, a fundação da cidade que hoje tem seu nome, uma nova civilização estava sendo implantada no Brasil, a civilização do Vale do Itajaí, que abrange mais de 40 (quarenta) Municípios.

O Dr. Blumenau, homem de visão, atento às tendências dos governos da Europa e da América do Norte, impôs uma cláusula no contrato feito com o governo imperial do Brasil, votando a participação da



REPORTAGENS

mão-de-obra cativa na colonização do Vale. Este e outros fatores terão contribuído para o nível de civilização de que a gente sente ao chegar em Blumenau.

A ausência de mão-de-obra cativa, fez com que os colonizadores se espalhassem e integrassem no atendimento mútuo e na exploração do Estado Barriga-Verde.

Santa Catarina com uma população de 2.944.728 habitantes, é uma mini-Europa, formada de alemães, italianos, poloneses, austríacos, suíços, franceses, holandeses, portugueses, africanos, japoneses, e os índios, denominados bugres.

O brasileiro de modo geral nasce com a nostalgia do Rio de Janeiro. O catarinense escapa à regra. Não foge de sua terra.

A população está distribuída em 197 Municípios, com características eminentemente agrícolas. Atualmente a maçã é um excelente negócio e Santa Catarina tem abastecido o mercado Nacional, esperando tornar o País auto-suficiente em cinco anos.

Para maior integração do Estado foi criada a Secretaria do **Oeste,** em **Chapecó.**

A IGREJA PRESENTE

A Igreja que veio para Santa Catarina com os primeiros imigrantes, acompanha, incentiva e colabora no crescimento do Estado e no desenvolvimento integral do homem. Também em Santa Catarina a Igreja quer ser sinal eficaz do amor de Deus e da união dos homens, quer explicitar a salvação que se realiza pelo amor. É pelo amor que os homens serão julgados. Amor que sempre de novo se volta para o fraco, o prisioneiro, o coxo, o sedento, o doente, o ignorante, de todos os tempos.

A Igreja, portanto, deve sempre se perguntar: se está anunciando e realizando um amor que liberta das prisões e limitações.

Em Santa Catarina o esforço da Igreja está concretizado em libertar pessoas, em fazer grupos se entenderem, se ajudarem, em aliviar a rigidez de normas externas.

Como linha de pastoral dentro deste objetivo, a Igreja de Santa Catarina (Regional Sul IV), aceita, sem dúvida, os seis planos de Pastoral de Conjunto da CNBB, pois todos lutamos pela unidade visível da Igreja, para que ela testemunhe o amor.

Estamos atentos à Evangelização e Catequese. O esforço pela Liturgia se concentra sobretudo no Catecumenato, ou preparação para os Sacramentos. Ecumenismo entre nós é mais uma mentalidade a se criar do que um movimento a se fazer campanha.

A inserção no mundo é nossa maior preocupação. Devemos ter claro que na metodologia e escolha de instrumentos e tipos de planejamento há diferença entre Secretariado Regional e CNBB Nacional, com consciência e anuência dela — uma vez que há ampla liberdade, para os Regionais — de se organizarem segundo as possibilidades e exigências locais. Chamamos a atenção para o desabrochamento na 6.ª linha — da inserção dos 14 sistemas sociais — e do agrupamento das cinco outras linhas, enquanto agendas e crenças do sistema religioso propriamente dito.

Se agora dentro deste quadro de objetivos gerais, nos perguntarmos quais as atenções principais em nosso Regional, diríamos que nossa ação Pastoral está tentando ser: realista — criativa — orgânica — profética em busca da Comunidade Eclesial de Base.

1. **Ação Pastoral realista.** Embora se esforce por criar, avançar, renovar, estar presente, consciente do ritmo mais lento em que se movimenta a massa dos cristãos, há mais tendência às posições conquistadas do que mais responsabilidade, nas dioceses, Congregações e Comunidades. Daí nossa tensão, impaciências em muitos e até desesperança do que possa a Igreja superar.

Aceitamos realisticamente este desafio da realidade Pastoral, e tentamos alimentar os que avançam na frente e assistir os que vão mais lentamente. Convidamos mais gente a ter esperança na subida da humanidade — do cristianismo — "a passos lentos vai a caravana".

2. **Nossa pastoral quer ser mais criativa.** Aqui criativa quer significar a atitude perante os desafios que se apresentam. Em vez de nos sentarmos ante a pedra que impede nosso caminho, em vez de falarmos mal desse ou daquele, que, ao nosso ver, não estaria cumprindo sua missão, em vez de darmos ouvidos aos profetas das desgraças, alimentemos em nós uma atitude que se põe ao lado de Deus — em busca de soluções — que se põe ao lado da humanidade que sobe — graça aos inventores e aos esperançosos.

3. **Nossa Pastoral quer ser orgânica.** Nós perdemos muitos dos minis-

térios, dos carismas, que a Igreja primitiva criava com muita liberdade sob a ação do Espírito.

• Corinto precisava, sobretudo de sabedoria, de ciência, de fé, de dom de curar doenças, dos milagres, da profecia, do dom do discernimento dos espíritos.

• Já Éfeso precisava de apóstolos, evangelistas, pastores, doutores.

• Enquanto Roma precisava de profetas de serviço, de dom de ensinar, de exortar, de quem distribuísse esmolas, de quem presidisse, de quem exercesse misericórdias. E criavam esses ministérios segundo as necessidades e possibilidades daquela Igreja.

• Nós precisamos reconquistar essa riqueza e liberdade, para que a nossa Igreja seja de fato um corpo organizado, sempre mais a serviço do grande corpo da humanidade. É por isso que é uma constante na Regional a ação complementar. As unidades da Igreja são as Dioceses em torno de seus Bispos. Nada acontecerá à Regional se nada acontecer às Igrejas Diocesanas. O que a Diocese faz a Regional não precisa fazer.

Essa organicidade que se estende do Nacional às Regionais e Dioceses, das dioceses para as Comarcas e para as Comunidades paroquiais, e essas para os núcleos, é facilitado pela ação e atuação em esferas e níveis.

4. **Nossa Pastoral quer ser profética.** Se nossa Pastoral deve ser organizada, orgânica, deve sobretudo carregar a nota profética.

Dizer pastoral profética é dizer pastoral encarnado, que aceita mergulhar na realidade, ser presente aos homens de hoje; dizer Pastoral profética é aceitar que a evangelização não é tanto levar aos homens conhecimentos religiosos mas ajudá-los a reconhecer seus valores, a ver neles reflexos de Deus, e pôr seus valores a serviço dos irmãos na marcha para a unidade e o amor.

Dizer pastoral profética é aguçar a sensibilidade e aumentar a obediência aos sinais dos tempos. Dizer pastoral profética é atender sempre de novo a libertação dos fracos, e voltar de uma pastoral de conservação para uma pastoral de libertação.

Reconhecemos que a CRB — os Religiosos com sua libertação interior e exterior, tem uma chance muito grande de fazer a Igreja mais profética. Como também a Vida Religiosa mais encarnada vai aumentar a capacidade profética dos Religiosos.

Nossa pastoral quer realizar Comunidades de Base. Trata-se justamente de olhar bem de frente para o objetivo último da Igreja. Anunciar e realizar a união dos homens e agrupar entre, ou em torno de Cristo, pessoas que estejam dispostas e, num esforço criativo, realista, orgânico, e profético, realizar ao redor do Plano de amor a união de Deus.

Nesse sentido é imensa a procura de pessoas que se disponha a deflagar o processo de agrupamento e animá-lo por dentro para sua continuidade. As Religiosas estão sendo muito solicitadas para tanto. A CRB, a CNBB, as Províncias de-

vem estar atentas a como capacitar as pessoas para essa tarefa.

SETORES DE APOSTOLADO

A Igreja de Santa Catarina aponta setores em que os Religiosos estão sendo solicitados, por parte do povo de Deus, nesta região.

S01 — **Pastoral Familiar:**

— animação
— coordenação
— assistentes de grupos familiares
— capacitação de casais para lideranças, cursos, treinamentos
— círculos familiares
— espiritualidade conjugal
— cursos de noivos
— orientação familiar (metas pessoais, grupais e societárias da família)
— coordenação de pastoral familiar.

S03 — **Promoção social:**

— Diocesana e paroquial
— animador
— assessor específico
— serviço de caridade
— pastoral de saúde (doentes familiares
— cursos de educação de base.

S04 — **Grupos de jovens**

— nos núcleos
— nos colégios
— palestras de formação (para criar grupos e alimentar metas pessoais e grupais — para a cidade e interior)
— Encontros, treinamentos, retiros
— movimentos estudantis
— associação operária
— sindicatos rurais.

S05 — **Testemunho da alegria:**

— BR 101 e Turismo

S06 — **Programas:**

— rádio — TV — Jornal
— Técnicos em MCS e Pastoral
— animadores de grupos de escuta

S07 — **Pastoral de Educação Evangelizadora:**

— Escolas criativas
— Educação
— Orientação religiosa escolar.

S09 — **Pastoral:**

— Agrária
— Operária
— Pesqueira

S10 — **Animadores de Comunidades Eclesiais de Base :**

— Pessoas para coordenação diocesana
— Pastoral Vocacional

— criação de catecumenato
— celebrações
— formadores e líderes cristãos
— assessoria às equipes litúrgicas
— Assessoria aos orientadores de Círculos
— movimento de leigos
— diversificação dos ministérios

Diante da multiplicidade de projetos possíveis, não esqueçamos que o nosso engajamento fundamental é no ambiente onde atuamos. Especialmente os Religiosos que se dedicam aos hospitais e escolas. A eles caberá ver no caso, sua atuação é libertadora de pessoas e ver como essa tarefa se entrosa nas demais tarefas Pastorais. Esse esforço ajudará toda a Igreja a crescer em benefício dos homens.

A VIDA RELIGIOSA

A partir do Vaticano II sofreu, como em toda a parte, também Santa Catarina, as grandes vicissitudes, questionamentos, baixas, opções e ressurgimentos.

Muitos Religiosos e Congregações foram colhidos despreparados diante de uma Igreja que, a partir de João XXIII, começou a caminhar mais rápido e menos materialista, com a queda de estruturas, que para muitos, era sinônimo de um colapso total da Vida Religiosa.

Houve inicialmente um susto, um alarme, uma sensação de fracasso; mas à medida que isso ocorria, uma onda de renovação e engajamento surgia aqui e acolá; do questionamento do ser passou-se a inquerir o agir.

Todos sentiram a necessidade premente e urgente de impor-se ao mundo de hoje pelo valor pessoal. Daí uma busca desenfreada do saber, da formação, através de cursos, reflexões, encontros, um número crescente de Religiosos e sobretudo Religiosas, passou a frequentar os bancos escolares, desde os cursos mais elementares e de madureza até as faculdades.

A inserção em tarefas apostólicas exige mais cultura e vivência religiosa. Face a essa realidade, maior número de Irmãs cursam estudos Teológicos.

Dentro da Comunidade os Religiosos sentiram maiores necessidades de **VIVER** — serem adultos — responsáveis e corresponsáveis. À medida que cada pessoa crescia, multiplicava-se a exigência de maior aproximação e convivência **comunitária.**

Então as grandes comunidades tornaram-se obstáculo para um maior relacionamento interpessoal.

Surgiram como tentativa de solução pequenas comunidades no intuito de aprofundar a convivência fraterna e testemunhar a solidariedade, a pobreza cristã, vivendo em casas mais simples e bairros populares.

As pequenas comunidades foram experiências oportunas e altamente válidas, tanto para os Religiosos como para a própria Igreja local.

Além das "Pequenas Comunidades" surgiram em nossa Regional duas Comunidades intercongregacionais: Uma no extremo Oeste, nasceu de uma necessidade Pastoral da Diocese. Trabalham como animadoras da Pastoral. A segunda Comunidade de caráter transitório, surgiu em consequência de deslocamento de Irmãs para a Capital, em busca de especialização no Setor Saúde.

O relacionamento intercongregacional, nas congregações femininas é ótimo. O distanciamento entre religiosos e religiosas, praticamente desapareceu, pode-se entretanto, caminhar mais numa linha de interação, complementação mútua. As perspectivas neste sentido são lisongeiras.

Várias Congregações após um período de revisão e de atualização, reabrem esperançosas as portas de seus Noviciados para acolher os novos candidatos à Vida Religiosa.

Até o momento não possuímos ainda um centro de formação intercongregacional, a não ser o curso de Teologia, onde participam Religiosos de várias Congregações. A interiorização dos Religiosos é questão pacífica. Os núcleos ou comarcas são ambiente mais oportuno para o entrosamento intercongregacional.

A linha de maior incidência da ação dos Religiosos na Pastoral de Santa Catarina são: Educação, Saúde, Pastoral.

A REGIONAL EM NÚMEROS

O Regional Sul IV apresenta-se com uma superfície de 95.985 Km2, dividido em 16 micro-regiões, e sete dioceses que compreendem:

Florianópolis	— 10.000 Km2	— 510.200 habitantes	— 595 Religiosos
Joinvile	— 11.763 Km2	— 485.570 habitantes	— 525 Religiosos
Rio do Sul	— 9.500 Km2	— 247.086 habitantes	— 416 Religiosos
Caçador	— 13.945 Km2	— 222.128 habitantes	— 232 Religiosos
Lages	— 24.000 Km2	— 420.030 habitantes	— 382 Religiosos
Tubarão	— 9.200 Km2	— 495.906 habitantes	— 552 Religiosos
Chapecó	— 17.000 Km2	— 563.808 habitantes	— 412 Religiosos

Em cada Diocese há uma Coordenadora Diocesana da CRB. A Diocese é dividida em Comarcas de Religiosos, totalizando-se em 50 Comarcas, com suas respectivas Coordenadoras Comarcais. Cada Comarca abrange, mais ou menos, um grupo de 40 a 45 Religiosos.

Na Capital existem 40 (quarenta) comunidades de várias Congregações; e no interior do Estado mais 455 Comunidades, englobando 77 Congregações e destas 31 são masculinas e 46 femininas, dentre as quais somente nove Congregações possuem sede Provincial neste Estado e uma com Sede Geral da Congregação. O total de Religiosos no Regional atinge o número de 3.144 — sendo 534 Sacerdotes e Irmãos e 2.580 Religiosas.

A introdução e a utilização da Criatividade Comunitária na Igreja de Santa Catarina, e consequentemente, na CRB Sul IV — como método de ação — contribui enormemente, para um trabalho mais integrado, para maior organização nas comunidades, Religiosas, para maior responsabilidade e corresponsabilidade pessoal e grupal.

Através da RODA — VICA e do ORGANOGRAMA são explicitadas e visualizadas as tarefas de todas e de cada uma das pessoas da Comunidade.

O projeto, que a partir do treinamento é implantado na Comunidade, contribui muito para um desenvolvimento harmonioso e integrado da Comunidade.

A explicitação de metas e a revisão constante valoriza as práticas de piedade, as meditações e reflexões pessoais e comunitárias.

CAPÍTULO IV

AS OBRAS

Que fazem os religiosos? Este capítulo responde fundamentalmente a esta questão: Que atividades merecem maior atenção dos religiosos e religiosas que trabalham na América Latina? Intimamente ligado a este quesito está este outro: Onde vivem os religiosos?

5.1. AS CASAS DOS RELIGIOSOS

Interessa descobrir aqui a que atividades os religiosos dedicam suas casas; onde estão localizadas; quais as formas de propriedade que caracterizam estas mesmas casas por parte dos religiosos. E, finalmente, as dimensões das comunidades que as habitam.

5.1.1. Finalidades das casas

A maioria das casas dos religiosos da América Latina são dedicadas a obras apostólicas. Nota-se ainda uma grande percentagem dedicada a "casas de comunidades", ou seja, casas onde moram os religiosos e donde partem para suas ocupações.

Neste caso, a proporção é maior para os religiosos do que para as religiosas porque, mais frequentemente os religiosos trabalham em obras onde seus dotes e suas qualificações se desenvolvam, embora fora daquelas obras institucionalizadas. Por esta mesma razão, correlativamente, o número de casas dedicadas a obras apostólicas é maior para as religiosas do que para os religiosos.

QUADRO N.º 21

FINALIDADE DAS CASAS

FINALIDADE	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Absolutas	%	Absolutas	%
Obras apostólicas	2.727	49,30	5.372	57,90
Casas de comunidades	2.012	36,38	2.879	31,03
Casas independentes para estudo	273	4,94	221	2,38
Cúrias Provinciais	204	3,69	285	3,07
Pré-noviciados	178	3,22	139	1,50
Noviciados	137	2,48	382	4,12
	5.531	100%	9.278	100%

5.1.2. Localização geográfica das casas

O quadro N.º 22, é bem significativo com relação às preferências dos religiosos e das religiosas com respeito à localização de suas casas.

QUADRO N.º 22

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS CASAS

	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Absolutas	%	Absolutas	%
Zona urbana — classe alta ...	281	5,08	431	4,65
Zona urbana — classe média .	2.546	46,03	5.649	60,89
Zona urbana — subúrbios	1.129	20,41	1.223	13,18
Zona rural	1.138	20,57	1.573	16,95
Zona indígena	437	7,90	402	4,33
	5.531	99,99	9.278	100%

Cinquenta e um por cento das casas de religiosos e 65% das casas das religiosas na América Latina estão localizadas em zonas urbanas de classe média ou alta. Muito menor é o número das casas localizadas em zonas suburbanas. É escasso o número dos religiosos que vivem nas zonas rurais e indígenas.

Deve-se destacar que a maior frequência de localização em bairros de zona média por parte das religiosas do que por parte dos religiosos e, consequentemente, é mais frequente a localização dos religiosos em zonas suburbanas, rurais ou indígenas.

De maneira cruzada, levando em consideração a destinação das casas e a localização geográfica, o Quadro n.º 23 indica de forma nova estas constantes na localização das casas.

A maioria das obras apostólicas estão igualmente localizadas em zonas de classe média. Novamente, são as religiosas que superam em índices aos religiosos nesta tendência. O mesmo fenômeno acontece com relação às casas onde moram as comunidades, às casas de estudos, às cúrias provinciais, aos pré-noviciados, aos mesmos noviciados.

QUADRO N.º 24

FORMA DE PROPRIEDADE DAS CASAS

	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Absolutas	%	Absolutas	%
Próprias	3.363	70,86	4.315	55,94
Aluguel	120	2,53	570	7,39
Usufruto	1.263	26,61	2.829	36,67
	4.746	100%	7.714	100%

Resumindo os dados anteriores, observa-se que 71,52% das casas dos religiosos que responderam ao inquérito encontram-se em zonas urbanas e 28,47% em zonas rurais. Por parte das religiosas, 78,72% de suas casas estão em zonas urbanas e 21,28% em zonas rurais e indígenas. A proporção é semelhante, porém, como anteriormente se observou, com uma maior proporção urbana para as religiosas.

QUADRO N.º 27

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E FINALIDADE DAS CASAS

FINALIDADE	Obras Apostólicas		Casas Comunid.		Casas Estud.		Cúrias Prov.		Pré-Novic.		Noviciados	
	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %
Urbana — classe alta	4,11	4,15	5,77	4,34	3,66	5,43	14,22	11,58	3,93	5,76	5,11	7,85
Urbana — classe média	40,78	57,20	50,50	64,92	58,61	73,30	60,29	70,53	42,13	66,91	43,80	65,71
Urbana — subúrbios	19,84	15,02	21,57	10,77	21,25	5,43	14,22	12,98	23,03	8,63	18,98	11,78
Zona rural	23,29	17,98	17,30	16,88	16,48	13,57	6,86	4,56	30,90	17,27	29,93	14,14
Zona indígena	11,99	5,64	4,80	3,09	—	2,26	4,41	0,35	—	1,44	2,19	0,52
(N)	27,27	53,72	20,12	28,79	2,73	2,21	2,04	2,85	1,78	1,39	1,37	3,82

QUADRO N.º 28

PORCENTAGEM DE PROFESSOS EM CADA ATIVIDADE RELIGIOSA

ATIVIDADES	RELIGIOSOS				RELIGIOSAS			
	Nar. e Natur. dos C. Abs.	%	Estrang. C. Abs.	%	Nar. e Natur. dos C. Abs.	%	Estrang. C. Abs.	%
Atividades internas das casas religiosas	2.346	11,44	1.080	10,07	11.890	19,30	2.691	15,88
Formação de noviços e estudantes	1.236	6,03	485	4,52	1.237	2,01	521	3,07
Empregados nas obras das instituições	9.055	44,14	6.786	63,28	27.830	45,17	8.904	52,53
Professos jubilados	213	1,04	179	1,67	2.998	4,87	1.172	6,91
Superiores das Comunidades locais	1.705	8,31	1.179	11,00	4.814	7,81	1.981	11,69
Estudantes	4.887	23,82	852	7,95	9.104	14,78	1.295	7,64
Noviços	1.071	5,22	162	1,51	3.740	6,07	386	2,28
	20.513	100%	10.723	100%	61.613	100%	16.950	100%

QUADRO N.º 25

AS CASAS SEGUNDO SUA FORMA DE PROPRIEDADE E USO A QUE SE DESTINAM

	CASAS DE GOVERNO				ESTUDO E FORMAÇÃO			
	Religiosos		Religiosas		Religiosos		Religiosas	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Próprias	319	82,01	520	73,55	513	90,16	467	88,78
Aluguel	10	2,57	30	4,24	22	3,87	19	3,61
Usufruto	60	15,42	157	22,21	34	5.98	40	7,60
	389	100%	707	100%	569	100%	526	99,99

USO	RESIDÊNCIAS				OBRAS			
	Religiosos		Religiosas		Religiosos		Religiosas	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Próprias ...	606	55,55	399	49,57	1.925	73,38	2.929	61,60
Aluguel ...	48	4,40	113	14,04	40	1,48	408	7,19
Usufruto ...	437	40,06	293	36,40	732	27,14	2.339	41,21
	1.091	100%	805	100%	2.697	100%	5.676	100%

Na atual situação latino-americana, segundo dados do DESAL, 58% da população são do meio rural e 42% do meio urbano. É importante, pois, notar a desproporção que existe na localização dos religiosos com relação à população rural e urbana latino-americana. **(América Latina, Una y Múltiple, DESAL,** Santiago do Chile, 1968)

5.1.3. Formas de propriedade

O inquérito se interessou pela forma de propriedade que os religiosos têm sobre suas casas: propriedade, aluguel, usufruto. Entende-se por usufruto, conforme dados do inquérito, casas que não são de propriedade do Instituto, mas que também as Instituições não pagam aluguel por elas. Trata-se, pois, de casas que foram cedidas por títulos diversos para que os religiosos trabalhem e vivam nelas.

Como se vê pelo Quadro n.º 24, a maioria dos religiosos, em número superior às religiosas, possuem suas casas como propriedade. Conseqüentemente, é maior o número de casas das religiosas assumidas como aluguel e, sobretudo, como usufruto. Tem-se a impressão que a vida religiosa feminina desperta uma maior simpatia entre os benfeitores para favorecer esta tendência.

As casas de estudo e de formação, como ainda as casas de governo das congregações religiosas, são aquelas que em maior número figuram como propriedade da congregação. É claro que o estilo particular das casas de formação tenha que ser resultado de uma construção que a congregação executou para cumprir seus objetivos. Nota-se ainda a tendência de ter a propriedade daquelas casas onde residem os governos provinciais e os responsáveis nacionais das Instituições. Os menores índices de propriedade dão-se com relação às residências onde moram religiosos que trabalham em obras independentes.

5.1.4. Dimensão da Comunidade

A maioria das casas dos religiosos tem, em média, de três a seis religiosos, enquanto a maioria das casas das religiosas são comunidades de seis a nove membros.

QUADRO N.º 26

MÉDIA GERAL DE RELIGIOSOS POR CASA

NÚMERO DE MEMBROS	R.OS	R.AS
	%	%
3	43,57	12,51
6	32,11	27,78
9	14,44	24,89
12	6,65	17,19
15	2,06	7,15
18	0,45	4,40
21	0,45	2,06
Mais de 24	0,22	3,98
	100%	100%
	(N) 436	(N) 727

Conforme o Quadro n.º 26, é tendência entre as religiosas viver agrupadas em comunidades maiores. Os religiosos, por sua vez, se inclinam para grupos de menor dimensão. Note-se que o número total em função do

qual se assinalam as percentagens não é o número de casas, mas o número de respostas obtidas, isto é, o número de questionários respondidos neste quesito.

5.2. AS ATIVIDADES E AS OBRAS

Em primeiro lugar, se indica o tipo geral de atividades que, dentro de cada instituição, ocupa a vida dos professos. Posteriormente se precisará o gênero de obras nas quais os professos desenvolvem suas atividades específicas.

5.2.1. Distribuição dos religiosos por atividade dentro da Instituição

Como parece lógico, a maioria dos religiosos estão consagrados às obras apostólicas próprias da instituição. A proporção é ligeiramente maior para os religiosos em relação às religiosas. Pelo contrário, é maior o número de religiosas consagradas às atividades internas dentro das casas, quer dizer, ocupadas em obras que estão diretamente orientadas para a manutenção das comunidades. Seria a ocupação que antigamente se atribuía às Irmãs Coadjutoras, debaixo dos mais diferentes títulos que estas irmãs poderiam receber.

QUADRO N.º 27

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSOS POR ATIVIDADE

ATIVIDADES	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Atividades internas das casas	3.521	11,01	15.088	18,30
Formação de noviços e estudantes ...	1.764	5,51	1.837	2,23
Nas obras da Instituição	16.179	50,57	38.807	47,07
Professos jubilados	398	1,24	4.378	5,31
Superiores das Comunidades locais ..	2.979	9,31	7.149	8,67
Estudantes	5.897	18,43	10.832	13,14
Noviços	1.256	3,93	4.352	5,28
	31.994	100%	82.443	100%

Como já se tratou e que agora se confirma, os religiosos prestam maior atenção aos estudantes, tanto antes como depois do noviciado. É maior a percentagem dos religiosos consagrados exclusivamente às tarefas de estudo, 18,43% para os religiosos e 13,14% para religiosas e, correlativa-

mente, maior o número de religiosos encarregados da formação destes estudantes. É maior o número de noviças entre as religiosas do que de noviços para os religiosos. A vida religiosa feminina experimenta, pois, índices ligeiramente superiores de crescimento vegetativo.

O Quadro N.º 27 sintetiza as constatações anteriores.

Estas atividades são agora estudadas em relação à nacionalidade daqueles que as exercem: naturais e naturalizados, de um lado; e estrangeiros, de outro, como anteriormente foi considerado. Neste sentido e num primeiro momento, quando as atividades de uns e de outros são agrupadas percentualmente, em função do total respectivo de naturais e de estrangeiros, as diferenças entre um grupo e outro são muito notáveis. Cabe destacar ainda que, tanto entre os religiosos como entre as religiosas, o número dos estrangeiros tem percentagem maior de ocupação, no campo denominado "obras próprias da Instituição."

Esta diferenciação pode ser bem notada no Quadro N.º 28.

Pode-se chegar a esta distribuição de outra forma também. Trata-se de considerar as percentagens de religiosos naturais e estrangeiros de cada uma das atividades. É o que apresenta o Quadro N.º 29, no qual, logicamente, se observa que é maior a proporção de religiosos naturais e naturalizados do que a proporção de estrangeiros. Há, todavia, diferenças dignas de serem notadas. Por exemplo: no campo das atividades internas é maior o número de religiosos estrangeiros que de religiosas estrangeiras consagradas às tarefas internas, enquanto que as proporções são semelhantes no terreno da formação dos noviços e dos estudantes. Pelo que se refere às obras apostólicas, repete-se agora também que há uma maior proporção de religiosos estrangeiros que de religiosas estrangeiras. Subentende-se que o número de religiosos sacerdotes serve para aumentar esta percentagem no setor masculino. Também é digno de nota que a proporção de superiores de comunidades locais que são estrangeiros é maior entre os homens do que entre as mulheres.

5.2.2. Tipo de obras que desenvolvem as congregações

A atenção se concentra agora exclusivamente no tipo de obras apostólicas que as congregações desenvolvem. Consideram-se para este tipo de obras, os totais que anteriormente indicavam a totalidade de religiosos empregados "nas obras da Instituição". Daí a razão destes números absolutos oferecidos pelas respostas serem bem inferiores aos dados no parágrafo anterior.

A ordem das prioridades entre os religiosos, quanto às atividades, é a seguinte: obras paroquiais, obras sociais, obras de difusão (rádio, im-

QUADRO N.º 29

PROPORÇÃO DE PROFESSOS NATURAIS E ESTRANGEIROS NAS DIFERENTES OBRAS

ATIVIDADES	Atividades Internas		Formação de Noviços e Est.		Empregados nas Obras		Professos Jubilados	
	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %
Naturais e Naturalizados	68,48	81,54	71,82	70,36	57,16	75,76	54,34	71,89
Estrangeiros	31,52	18,46	28,18	29,64	42,84	24,24	45,66	28,11
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
(N)	3.426	14.581	1.721	1.758	15.841	36.734	392	4.170

	Superiores Com. Locais		Estudantes		Noviços	
	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %	R.os %	R.as %
Naturais e Naturalizados	59,12	70,85	85,15	87,55	86,86	90,64
Estrangeiros	40,88	29,15	14,85	12,45	13,14	9,36
	100%	100%	100%	100%	100%	100%
(N)	2.884	6.795	5.739	10.339	1.233	4.126

prensa, televisão, cinema), obras hospitalares. A ordem é um pouco diferente para as religiosas: colégios, obras sociais, obras paroquiais, hospitais e atividades no campo da difusão.

QUADRO N.º 30

TIPO DE OBRAS QUE DESENVOLVEM AS CONGREGAÇÕES

TIPOS DE OBRAS	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Colégios	428	29,81	836	36,14
Obras sociais	233	16,23	625	27,02
Obras paroquiais	518	36,07	419	18,12
Hospitais	97	6,75	375	16,21
De difusão	160	11,14	58	2,51
	1.436	100%	2.313	100%

O Quadro N.º 30 dá uma idéia exata destas prioridades e das percentagens respectivas: 36% dos religiosos estão trabalhando em obras paroquiais, enquanto esta mesma percentagem é para as irmãs que trabalham em colégios. As religiosas revelam maior interesse pelo campo da difusão.

Em termos globais, uma terça parte dos religiosos e das religiosas está concentrada em tarefas de educação. É interessante notar a alta percentagem de população jovem na América Latina, o que exige atenção e serviços especiais neste setor. Contudo, recordando dados anteriores sobre a localização das obras que religiosos e religiosas atendem, seria interessante, em estudos posteriores, determinar em que medida estas atividades educativas atendem fundamentalmente à juventude e à infância mais necessitada.

QUADRO N.º 31

PROPRIEDADES DAS OBRAS APOSTÓLICAS POR PARTE DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS ....

OBRAS	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Próprias	930	64,76	1.092	47,21
Não próprias	506	35,24	1.221	52,79
	1.436	100%	2.313	100%

É interessante saber também, Quadro n.º 31, se as obras dos religiosos são propriedade deles ou se os religiosos prestam sua colaboração a obras que não são da congregação.

De considerações mais detalhadas neste terreno, dever-se-iam deduzir linhas de ação pastoral no sentido de uma redistribuição mais adequada e coordenada dos esforços e das pessoas.

Como se pode observar, os religiosos têm a propriedade da maioria de suas obras, enquanto que, no caso das religiosas, 52,79% de suas obras não são próprias.

O Quadro N.º 32 sintetiza de maneira detalhada, a propriedade ou não propriedade, das obras apostólicas dos religiosos, conforme os diversos tipos de atividades antes assinalados.

As obras que figuram com maior percentagem de "propriedade" são as de tipo educativo e principalmente por parte dos religiosos, 71,50%; para as religiosas, 62,44%. De maneira específica pode-se observar a constância anteriormente indicada: maior número de propriedade das obras apostólicas por parte dos religiosos homens.

5.2.3. Distribuição dos religiosos nas obras apostólicas da Instituição

Como resultado dos dados anteriores, pode-se observar agora a distribuição dos religiosos e das religiosas por atividades anteriormente indicadas.

QUADRO N.º 33

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL RELIGIOSO POR OBRAS

OBRAS	R.OS SACERDOTES		R.OS LEIGOS		R.AS	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Paroquiais	8.202	47,62	822	9,69	3.540	7,53
Educação	6.655	38,64	6.047	71,25	26.159	55,67
Hospitais	401	2,33	815	9,60	8.282	17,62
Obras sociais	1.300	7,55	604	7,12	8.530	18,15
Difusão	697	4,05	199	2,34	481	1,02
	17.255	100%	8.487	100%	46.992	99,99

Q U A D R O N.º 3 2

RELAÇÃO ENTRE TIPO DE OBRAS E FORMA DE PROPRIEDADE

TIPO DE OBRAS	PARÓQUIAS		COLÉGIOS		HOSPITAIS		SOCIAIS		DIFUSÃO	
	R.os	R.as	R.os	R.as	R.os	R.as	R.os	R.as	R.os	R.as
(N)	518	419	428	836	97	375	233	625	160	58
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
PRÓPRIAS	57,34	26,01	71,50	62,44	53,61	28,80	66,52	75,00	51,20	56,90
NÃO PRÓPRIAS	42,66	73,99	28,50	37,56	46,39	71,20	33,48	25,00	48,80	43,10
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Q U A D R O N.º 3 4

PORCENTAGEM DE RELIGIOSOS TRABALHANDO EM CADA TIPO DE OBRA APOSTÓLICA

OBRAS PESSOAL	PARÓQUIAS		EDUCAÇÃO		HOSPITAIS		SOCIAIS		DIFUSÃO	
	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%	C. Abs.	%
Religiosos sacerdotes	8.202	65,28	6.655	17,13	401	4,22	1.300	12,46	697	50,62
Religiosos leigos	822	6,54	6.047	15,56	815	8,58	604	5,79	199	14,45
Religiosas	3.540	28,18	26.159	67,31	8.282	87,20	8.530	81,75	481	34,93
	12.564	100%	38.861	100%	9.498	100%	10.434	100%	1.377	100%

Os religiosos sacerdotes estão consagrados especialmente a tarefas paroquiais, enquanto que os religiosos leigos e as religiosas se consagram à educação. Imediatamente depois da tarefa paroquial, a atividade educativa concentra o maior número de religiosos sacerdotes. A atividade educativa, pois, é a privilegiada quanto à distribuição dos religiosos. Salvo o caso das religiosas, concentradas em grupos bem significativos em atividades hospitalares de assistência, a distribuição global do pessoal está evidentemente marcada por uma orientação pastoral que poderia denominar-se "unidimensional". A dimensão educativa na tarefa dos religiosos, tanto em número totais como em números relativos, como no número de obras e de pessoal, resulta nitidamente privilegiada.

Como o Quadro N.º 34 indica, consagra-se à atividade educativa, segundo dados obtidos no inquérito, 38.861 sacerdotes religiosos e religiosas e, dentro deste total, as religiosas ocupam a maior percentagem. É maior ainda a percentagem das religiosas, seja nas obras sociais como nas tarefas hospitalares.

A FUNÇÃO SOCIAL DA LEI

Passou despercebida uma alocução de Paulo VI, dirigida, a 28 de janeiro, aos membros da Sacra Rota Romana. Um discurso a um corpo de juízes e advogados da Cúria Romana, que interesse pode suscitar no mundo?

O Papa focalizou um tema de suma importância, sobretudo para padres e religiosos, o tema da necessidade social da lei e dos perigos atuais de uma carência legislativa. Disse que "talvez nunca como no nosso tempo" existiu tanta antipatia ao "direito canônico". Enquanto se repelem as leis universais, vemos uma tendência prolífera legislativa a qualquer nível eclesial".

Mais ainda: "A tendência a mudar a praxe eclesial, segundo princípios novos e discutíveis, passa facilmente do campo jurídico para o campo moral". Neste, exaltam-se a liberdade e a consciência. Mas, sem a guia de um ensino moral objetivo, fica-se exposto ao "oportunismo de cada situação ou aos impulsos instintivos". Aos que apelam para a Bíblia para sustentar a liberdade do Espírito e querem a "liberdade para a qual Cristo nos libertou" [Gal 5,1] o Papa lembra que a mesma Bíblia, pela palavra de Jesus, afirma também: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim revogá-los mas completá-los" [Mt 5,17].

Situação contraditória

As palavras do Papa focalizam um aspecto da situação atual, caracterizada por alguns fatos contraditórios. Enquanto muitos se queixam

porque "os superiores não confiam nos súditos" caíram em muitos lugares as visitas pastorais, a prestação de contas, a renovação das faculdades. Os que mais se queixam de não ter liberdade pastoral, fazem e desfazem com a liturgia, os costumes devocionais do lugar, as leis canônicas. Os que não aceitam normas dos superiores, se permitem tratar os colaboradores e os funcionários como se fossem coroínhas.

Alguns anos atrás dominava o juridicismo, e se queria que tudo fosse determinado pela lei. Hoje domina o anti-juridicismo, que ostenta antipatia a qualquer lei ou normas litúrgicas ou pastorais. Assistimos a um esvaziamento de estruturas, uma perda de tradições devocionais, a morte de tantas associações beneméritas. Arriscamos cair num vácuo religioso, que provoca o deserto espiritual nas comunidades e o esvaziamento das igrejas.

Nenhum Estado ou firma, que se respeite, toleraria dos seus funcionários as arbitrariedades que freqüentemente nos permitimos, queixando-nos ainda de não ter liberdade!? O excesso de legalismo passado provoca o excesso presente. Para encontrar o justo equilíbrio parece-me necessário voltar ao exame dos princípios naturais.

Pessoa-Família-Sociedade

O problema da lei é análogo ao problema da educação. Essa visa dar normas de conduta à pessoa, aquela às comunidades. Como temos paladinos de educação rígida, temos propugnadores de leis que regulamentem com severidade todos os atos da vida comunitária. E temos outros que defendem a posição oposta.

A discussão é tão velha quanto à humanidade. Explodiu duzentos anos atrás, quando Rousseau publicou o romance pedagógico "L'Emile", além de obras sociais. O precursor da Revolução Francesa sustentava que o homem é naturalmente bom, mas que a educação e a sociedade o estragam. Deviam-se, portanto, abolir todas as normas pedagógicas e voltar à simplicidade do homem primitivo. As discussões provocadas com tais teorias caracterizam ainda hoje as tendências das diversas escolas pedagógicas, segundo a maior ou menor intervenção dos educadores.

A melhor resposta ao dilema foi dada pelo progresso dos estudos psicológico-psicanalíticos, que evidenciaram o relacionamento existente no homem entre tendências instintivas e forças racionais. As primeiras são representadas pelos impulsos, as capacidades e propensões básicas do ser, e constituem nosso temperamento. Com a vontade, guiada pela inteligência, o homem põe ordem ao tumulto da vida, harmoniza as diversas tendências, utiliza as forças vivas no momento e modo mais útil ao conjunto da pessoa, freia os impulsos dispersivos. Forma-se deste modo o caráter, que dá a tônica da personalidade dona de si e no pleno uso das potencialidades recebidas da natureza.

O sucesso da operação depende do equilíbrio com que respeitamos nossa originalidade e a utilizamos sabiamente. Se o controle da vontade sobre os impulsos primitivos for

deficiente, teremos o homem ingovernável, escravo de impulsos centrífugos. Se a vontade impuser um domínio tirânico, sairá uma personalidade sufocada, complexada, ou distorcida. A educação tem o escopo de extrinsecar (do latim "e-ducere" = conduzir fora) ordenadamente as potencialidades do ser, evitando que a pessoa saia estragada, ou falha, ou forçada. Deverá ser "ela", com sua originalidade, mas construída e harmonizada em todas as suas partes e com os outros.

Na família e na escola, a obra dos pais e educadores (correspondente ao caráter) pode faltar, ser exagerada ou errada frente à vitalidade dos alunos (temperamento). Os choques entre gerações dependem sobretudo da desarmonia entre os impulsos vitais dos filhos e o controle dos pais.

Sendo essa a natureza do homem, conclui-se que toda a pessoa precisa de educação, mas de educação autêntica. Torna-se livre só quem controla a si mesmo e se harmoniza com aquilo que a humanidade descobriu de mais justo, bom, pacífico. Os caprichosos, que se dizem "livres", na realidade são escravos da ignorância, preconceito, ou da parte pior de si (soberba, avareza, preguiça, gula, luxúria . . .). São personalidades falhas, que causam problemas. "O homem sem lei deixa de ser homem", afirma o Papa.

A função da lei

Como na pessoa e na família, assim na sociedade (Igreja ou Estado) a autoridade pública (correspondente ao caráter) pode faltar, errar, ser exagerada, ou no justo equilíbrio. As leis são como as normas educativas dos adultos para a harmonização da coletividade. Devem interpretar as justas exigências do bem comum. Como há choques entre as gerações, assim há choques entre governantes e governados. E a culpa pode ser dos dois lados.

Para ficar no campo eclesiástico, a mitização de valores que não tinham grande valor (veste clerical, rubricas, paramentos), o atraso com que foram mudadas coisas que era melhor mudar séculos antes (jejum eucarístico, língua litúrgica), a publicação de documentos pouco acertados nestes últimos anos, encorajaram a instintiva hostilidade contra tudo o que regulamenta nossa liberdade. Acabamos negando a função insubstituível da lei para a boa convivência comunitária.

A norma jurídica é a defesa dos fracos contra o abuso dos prepotentes, o amparo dos administrados contra o arbítrio dos administradores, a bússula que indica aos incertos o caminho certo; preserva a comunidade do caos e da chantagem dos mais atrevidos. A lei sábia é a síntese daquilo que a humanidade descobriu de melhor no caminho dos tempos.

O estudo da origem de muitos ritos, normas e costumes religiosos, ou associações de piedade, revela uma riqueza de conteúdo, uma lição aprendida nos séculos (freqüentemente depois de odisséias de fatos dolorosos), que seria perda irreparável não conservar para as futuras gerações.

Quando a humanidade inventou a escritura, pôs as leis em pedras, para

expressar sua aspiração a princípios de conduta certos e claros, e o anseio à justiça igual para todos, subtraindo as normas jurídicas à caprichosa interpretação dos prepotentes. Desde Hamurabi os povos conservaram gratidão imperecível aos sábios legisladores.

Será que agora, não obstante o espetáculo horroso de revoluções e golpes de Estados que rasgam leis e constituições, impondo aos povos escravizados a lei da prepotência, também contribuiremos para corroer o sagrado respeito à norma jurídica? Seria destruir o patrimônio acumulado pela humanidade em quarenta séculos de duro caminho rumo à civilização!

Necessidade da lei

De certo, a lei deve caminhar com o tempo. Após haver feito um serviço quando era oportuna, mudada a situação, pode constituir um freio danoso, se não for atualizada. Além disso, não deve ser sufocadora, mas, tendo confiança nas pessoas, deve traçar linhas de conduta, mais do que normas taxativas, onde a matéria não o exigir. Mais ainda. Deve-se formar na Igreja a mentalidade de amor à disciplina, sentimento de dever, colaboração espontânea. O homem que, pela educação, alcançou ordem e harmonia em si, se harmoniza facilmente com a ordem jurídica.

Já Tácito observava que a multiplicação das leis, sobretudo repressivas, indica decadência dos costumes. Os cidadãos têm menos responsabilidade e boa vontade. É preciso, então, mutliplicar os freios; ou se consideram menores, e, para não enfrentar o risco de assumir responsabilidades, invocam a proteção de normas, minutas e taxativas.

Hoje muitos, pelo contrário, não querem nenhuma lei, dizendo ser suficiente o apelo ao sentimento de responsabilidade. Sim, tal apelo será sempre fundamental; mas seria utópico confiar só nele. Seria ilusão sonhar com uma Igreja regida unicamente pela boa vontade dos membros. Oxalá fosse realizável!

Mas erramos entre homens. E a humanidade não é composta só de pessoas equilibradas, sábias, honestas; os cabeçudos, inconformados, pretenciosos se encontram em todo lado. Em cada grupo há quem não concorda e quer fazer a seu modo. Por instinto, cada um está inclinado a puxar água ao próprio moinho, e ver só suas razões. Então, se faltarem as normas, acontecem contínuos fatos desagradáveis, que atrapalham sobretudo a atividade dos melhores. E se faltar "uma autoridade que a anima, a interprete e a imponha, facilmente . . . (a lei) desaparece", afirma o Papa com razão.

A norma jurídica permite ao justo de exigir justiça, conscientiza o indisciplinado, indica a todos uma pista já experimentada, dando à consciência, como diz ainda o Papa "um claro conhecimento da obrigação moral objetiva". Quando a lei se refere a bens árduos (como conselhos evangélicos, santidade do casamento, penitência) defende a hierarquia dos valores contra a fácil propagação do vício, que especula sobre a natural inclinação ao mais cômodo e imediato. Em tal modo defende as

pessoas honestas e virtuosas da pressão desmoralizadora do ambiente anônimo e irresponsável.

A lei favorece a justiça e a paz social, distribuindo a cada um direitos e deveres. Evita-se assim aquilo que acontecia ao tempo da escravatura ou dos salários de fome, quando o dono pretendia, com algumas pequenas regalias ou boas palavras, ganhar a gratidão dos escravos, aos quais negava os direitos básicos da pessoa humana. Quando não temos noções jurídicas claras sobre a extensão e o limite da nossa autoridade e atribuições, acontece algo parecido, que provoca contínuos desentendimentos e mal-estar.

"Pactuações claras e amizades compridas" diz o provérbio. Antes esclareçamos a verdade dos direitos e deveres de cada um em cada nível; depois será mais fácil conservar a caridade, cedendo aqui e indo ao encontro do outro ali, para não cair na rigidez do "summum jus, summa iniuria". Mas as idéias claras sobre os direitos respectivos conservará sempre as coisas na justa verdade e proporção.

A Doutrina Conciliar sobre o Trabalho

I) SENTIDO DA ATIVIDADE HUMANA NO MUNDO

A) — Atividade humana e vontade de Deus

— Domínio progressivo do homem sobre a natureza (GS 33,1).

— A Igreja deseja iluminar o caminho pelo qual a humanidade está ingressando (GS 33, 2).

— O esforço coletivo para melhorar a vida, corresponde à vontade de Deus (GS 34, 1).

— Valor religioso do trabalho (GS 3, 42).

— A mensagem cristã não separa o homem da construção do mundo (GS 34,3).

— O desenvolvimento humano pelo trabalho vale mais que as riquezas e o progresso técnico (GS 35,1).

— Norma da atividade humana (GS 35,2).

— A santificação pelo trabalho cotidiano (LG 41,4).

— O homem, educa-se pelo trabalho (GS 57,2).

— O trabalho científico contribui para a elevação da família humana a níveis mais altos (GS 57,3).

Em Convergência, *dezembro 1971, págs. 11-16, publicamos um artigo do Pe. Maucyr Gibin, SSS sobre* O Trabalho do Religioso sinal de libertação para si e para os outros. *Como anexo àquele seu artigo ele nos enviou este, breve, mas com a preciosa doutrina do Vaticano II sobre o trabalho, exposta de maneira seguida, com a indicação dos números e o título que indica o conteúdo dos mesmos. Vale a pena uma leitura comparada dos textos apontados e uma reflexão sobre nosso engajamento e compromisso com o mundo do trabalho.*

— O espírito humano facilmente elevar-se-á até o Criador (GS 57,4).

— Os religiosos e o trabalho (PC 13,3).

— Que os bispos preguem sobre a estima que se deve ter ao trabalho (CD 12,3).

B) — Tentação no progresso humano

— Perigo de egoísmo (GS 37,1).

— A Igreja adverte contra o espírito de vaidade e a malícia que podem transformar o progresso em autodestruição da humanidade (GS 37,3).

— A atividade humana, purificada pela Cruz e Ressurreição do Cristo (GS 37,4).

C) — O amor transforma o mundo

— Lei fundamental do mundo é o mandamento novo (GS 38,2).

— Deve-se ter verdadeira solicitude na exploração do progresso humano (GS 39,2).

— Os bens terrenos, purificados e transfigurados no final dos tempos (GS 39,3).

II) PRINCÍPIOS QUE REGEM O CONJUNTO DA VIDA DE TRABALHO.

A) — Condições de trabalho

— Primazia do trabalho sobre os demais elementos da economia (GS 67,1).

— Valor econômico, humano, social e religioso do trabalho (GS 67,2).

— A organização do trabalho e sua subordinação às necessidades da pessoa e da vida (GS 67,3).

— A caridade deve chegar até aqueles que não têm trabalho (AA 8,4).

— Criação de fontes de trabalho e discriminação para com trabalhadores emigrantes ou estrangeiros (GS 66,3).

— O trabalho, a comunidade internacional e o progresso dos

— povos (GS 84,2 e 86,1).

B — Participação na empresa, sindicatos e conflitos trabalhistas

— Participação ativa na gerência da empresa e da economia (GS 68,1).

— Direito fundamental de fundar sindicatos (GS 68,2).

— Os conflitos são resolvidos de preferência pelo diálogo, mas a greve poderá ser um meio necessário (GS 68,3).

C) — Destinação dos bens materiais para a comunidade

— Qualquer que seja o regimentos de propriedade, nunca se pode perder de vista a destinação comum dos bens (GS 69,1).

— Mudança de caminhos e instituições, para que as comunidades menos desenvolvidas cheguem a certa distribuição comum dos bens (GS 69,2).

D) — Propriedade privada, propriedade pública e latifundios

— Verdadeira política econômica (GS 70) e aproveitamento das propriedades (GS 71,1).

— A propriedade, fonte de segurança e liberdade pessoal; deve ser explorada e tem sempre uma função social (GS 71, 1-5).

— O grave problema dos latifúndios e da vida dos colonos (GS 71,6).

F) — O cristão e a vida econômico-social

— Espírito de bem-aventuranças e de pobreza (GS 72,1).

— A justiça sob o influxo da caridade (GS 72,2).

Coleção
VIDA RELIGIOSA
6

O Destino do Homem e do Mundo

Frei L. Boff

◆ Vocação transcendental e escatológica da criação toda. ◆ Vocação transcendental e escatológica do homem. ◆ Vocação transcendental e escatológica do homem e as vocações terrenas. ◆ O caráter absoluto da vocação transcendental e escatológica e o caráter relativo das vocações terrenas. ◆ A função desdramatizadora da fé na vocação transcendental escatológica. ◆ Vocação terrestre fundamental do homem. ◆ Maneiras de realizar a dimensão para o mundo: as profissões. ◆ Maneiras de realizar a dimensão para o outro: os serviços. ◆ Maneiras de realizar a dimensão para Deus: as vocações. ◆ A raiz fontal da vocação religiosa. ◆ A raiz fontal da vocação religiosa cristã. ◆ Maneiras de realização concreta da vocação religiosa cristã. ◆ Conclusão.

O PENSAMENTO SOCIAL CRISTÃO ANTES DE MARX, do Pe. Fernando Bastos de Ávila, S.J. Páginas 330. Ano 1972. Livraria José Olímpio Editora. Textos e comentários.

A OBRA. A história não se repete. Cada uma de suas fases é constituída pela conjuntura absolutamente original e irrecorrível dos elementos que a configuram. Entretanto, há entre elas semelhanças que não são meras coincidências. Toda sociedade passa, na sua evolução, por etapas suficientemente idênticas para permitir a sedimentação de uma sabedoria humana que transcende a perspicácia dos tecnocratas.

A obra focaliza, na evolução da Europa e particularmente da França, uma época surpreendentemetne parecida com a que hoje atravessamos no Brasil. Tomando conhecimento dos trágicos panoramas abertos pelos escritores analisados, o leitor poderá melhor compreender a violência das lutas que ensangüentaram a Europa do século passado, que estava então, como nós hoje, em vias de desenvolvimento.

Assim, os depoimentos aqui consignados assumem para nós o valor de uma severa advertência. Nenhuma tecnocracia, por mais sofisticada que sejam os seus recursos, pode impunemente prescindir, nos seus cálculos, do preço social de seus modelos. E a grande lição em que a sabedoria exprime a síntese da experiência vivida pelos povos que se desenvolvem, se resume nestas palavras: toda dor se paga.

O AUTOR. O Pe. Fernando Bastos de Ávila, natural do Estado da Guanabara, é formado em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e em

Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Lovaina. Trabalhou durante 15 anos na PUC do Rio de Janeiro, onde fundou e dirigiu a Escola, hoje Departamento de Sociologia, e onde lançou a revista "Síntese Política, Econômica e Social (SPES)", que, no início da década de 60, assumiu um papel combativo no ciclone ideológico que precedeu a revolução. É escritor e conferencista.

Entre suas obras destaca-se **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo.** Na época do lançamento de sua primeira edição, foi envolvido numa celeuma de equívocos e protestos, o que lhe valeu o rápido escoamento dos 120 mil exemplares. Como conferencista, foi várias vezes convidado a falar na Escola Superior de Guerra e nos cursos organizados pela ADESG dentro e fora do Estado da Guanabara. Hoje dirige o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES).

PSICOLOGIA SOCIAL, de Aroldo Rodrigues, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 570.

A Psicologia Social levou mais tempo do que qualquer outra parte da Psicologia para se livrar de mitologias literárias e de contaminações ideológicas. Mesmo quando era tratada como **ciência** social, dificilmente se apresentava como Psicologia **científica.** Esta ausência de enfoque científico que, no mundo inteiro, podia ser constatada, no período anterior à segunda guerra mundial, no Brasil perdurou até 1967, ano em que o autor deste livro publicou seus primeiros trabalhos em língua portuguesa.

Pioneiro no plano duma Psicologia Social, capaz de fundir as teorias mais recentes com uma experimentação em sólidas bases metodológicas, surge o Prof. Dr. Aroldo Soares de Sousa Rodrigues, representante de uma geração de Psicólogos de sólida formação universitária. Antigo chefe do Departamento de Psicologia da PUC-RIO e, atualmente, coordenador de seus cursos de Pós-Graduação em Psicologia, Aroldo Rodrigues continua a sua brilhante carreira universitária, cuidadosamente alicerçada num mestrado, obtido na Universidade de Kansas, EUA e num doutorado, conferido pela Universidade da Califórnia, sendo atualmente um dos poucos brasileiros de renome internacional com numerosos trabalhos de pesquisas publicados, referentes a investigações experimentais no campo da Psicologia Social.

Este extraordinário livro, primeira explanação sistemática da Psicologia Social escrita por autor brasileiro, é o único em seu gênero, como manual de estudos atualizado, publicado em língua portuguesa, capaz de beneficiar qualquer estudioso da Psicologia que a ele recorrer, quer se trate de estudantes, quer de professores.

Embora o autor não faça segredo de sua posição pessoal, bem definida na perspectiva "cognitivista" duma Psicologia Social que, partindo do princípio da "boa forma" dos gestalistas, recebeu impulsos decisivos das contribuições para uma "teoria de campo em Psicologia Social" (Kurt Lewin), sua obra traz a marca autêntica de um grande livro didático, escrito por verdadeiro **scholar,** incapaz de prejudicar a clareza da explanação descritiva pelo brilho dos argumentos da interpretação crítica.

Reunindo uma formidável soma de informações e dados de pesquisa, o livro de Aroldo Rodrigues constitui um verdadeiro manancial de conhecimentos, acompanhado de numerosa e preciosa bibliografia.

Dr. Hanns Ludwig Lippmann, Professor de Psicologia da UEG, da UFF, Universidade Católica de Petrópolis, da AUSU, Rio de Janeiro.

LITURGIA E VIDA, Ano 19. Janeiro-fevereiro 1972. N.º 109. Revista publicada pelo Mosteiro São Bento do Rio de Janeiro. Destacamos: **1.** Deus, Centro da mensagem Cristã, D. Cirilo Folch. **2.** A crise da fé, Jean Guitton.

BROTÉRIA, revista de cultura e informação. N.º 3, março 1972. Em destaque: **Pequenas Comunidades, novo rosto da Igreja,** de Antônio Lopes. Este trabalho é a continuação de um outro trabalho escrito em novembro de 1970 na mesma revista Brotéria, sob o título: O fenômeno, pequenos grupos.

CONFER, revista da Conferência dos Religiosos da Espanha, janeiro-março de 1972. Este fascículo se abre com um trabalho de 54 páginas sobre: **Radicalismo evangélico ou pluralismo da santidade. A origem da vida religiosa na Igreja,** de Armando Bandera, OP.

DIÁLOGO EM QUESTÃO, Eduardo Pavanetti. Edições Paulinas, 1972. Uma série de palestras proferidas em diferentes ocasiões, com o intuito de clarificar idéias e ajudar a viver o diálogo em todas as dimensões. Parte **do profundo mistério da palavra,** para chegar às mais simples e práticas formas de diálogo.

ATUALIZAÇÃO, revista de divulgação teológica para o cristão de hoje. Março 1972. Em destaque: **1.** Pode-se pensar numa Igreja Católica mais movimento do que instituição? **2.** Os Sacramentos, ainda necessários para a salvação?

VERBUM, revista trimestral da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Setembro-dezembro 1971. Ano 28. Em destaque: **Teologia da Virgindade,** Pe. Félix Pereira de Almeida, SJ.

PRETRES DIOCESAINS, abril 1972. Revista mensal de espiritualidade, estudos, pastoral e informações. Nosso destaque: **1.** O encontro pessoal na experiência de Deus, Pierre Brunet. **2.** A prática das eleições na Igreja contemporânea, Gérard Defois. **3.** Meu ministério de padre-operário, Eugène Borgeat.

SIGNO, revista mensal da CIRM, Conferência dos Institutos Religiosos do México. N.º 16. **1.** Teologia da virgindade consagrada, Alberto M. López Landa, SDB. **2.** A castidade nos estados de perfeição, Antônio Peinador, CFM. **3.** O amor na catidade, René Voillaume. Todo o n.º 16 é dedicado à Virgindade e à Castidade.

CEAS, Centro de Estudos e Ação Social. N.º 17, fevereiro de 1972. Os cadernos do Seas são uma publicação do Centro de Estudos e Ação Social que procura, através da análise dos problemas sociais e da reflexão interdisciplina, indicar caminhos para a realização de um desenvolvimento harmônico. Visa, em particular, refletir sobre a realidade brasileira, particularmente a nordestina. Os cadernos aparecem seis vezes ao ano.

Este caderno n.º 17 é dedicado aos **TÓXICOS,** Cultura, Juventude e Contestação. São 64 páginas que tratam: **1.** Toxicidade como processo de dependência. **2.** Contraoultura da droga. **3.** Juventude e entorpecentes. **4.** A lei contra os tóxicos.

AOS JOVENS RURAIS, Neri Feitosa. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 130.

Livro de formação para pessoas do campo. Veio preencher um vazio enorme. Pouca ou quase nenhuma literatura existe, especificamente, para esta grande faixa da população brasileira. O linguajar é aquele que o povo rural fala e entende melhor.

Apesar de algumas expressões locais típicas e da gíria própria do campo, a exatidão linguística existe, o que também é um modo de formar. Nestas poucas páginas — 130 — o autor dá uma orientação completa de vida. O livro presta-se, de maneira excelente, a cursos ou palestras para jovens rurais. Presta-se também para ser entregue nas mãos dos rurícolas. Quem quer que tenha contato com pessoas do campo e difundir este livro, estará prestando um benefício a estas pessoas e um serviço à comunidade.

Examine as partes do índice:

Parte I: Vida Privada

Parte II: Vida Doméstica

Parte III: Vida Social

Parte IV: Vida Religiosa

Parte V: Vida Política

Parte VI: Vida Profissional

CONVIVIUM, revista de investigação e cultura. Janeiro-fevereiro. 1972.

CONSACRAZIONE E SERVIZIO, revista da União das Superioras Maiores da Itália. Abril 1972. Nosso destaque: **1.** A teologia da vocação religiosa proposta aos jovens de hoje, J. Solano, SJ. **2.** Condicionamentos psicológicos do mundo atual dos jovens, G. Dho, SDB. **3.** Maturidade afetiva e vocação religiosa, G. Sanchis, OFM.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

● **Boletim da CLAR,** n.º 3, março de 1972. ● **Religiose oggi,** boletim semanal de informação e atualização. Tipo tablóide, 16 páginas, papel ilustração, excelente apresentação gráfica. ● **Cidade Nova,** revista mensal da Editora Cidade Nova Ltda. São Paulo, SP. Maio 172. Ano 14, n.º 5.

ARQUEOLOGIA DO SABER, de Michel Foucault. Editora Vozes Ltda., ano 1972. Páginas 260. Tradução do original francês **L'Archéologie du Savoir** por Luiz Felipe Baeta Neves.

Explicar o que quisera fazer nos livros precedentes em que tantas coisas permaneceram obscuras? Não só, nem exatamente isso, mas, indo um pouco mais longe, retornar, como por uma nova espiral, aquém do que aprendera; mostrar de onde falava; demarcar o espaço qeu torna possíveis estas pesquisas e outras, talvez que jamais completarei. Em suma, dar significação à palavra **arqueologia**, que deixara vazia.

Palavra perigosa, já que parece evocar traços caídos fora do tempo e fixados agora em seu mutismo. De fato, trata-se de descrever **discursos**. Nem livros (na relação com seu autor), nem teorias (com suas estruturas e sua coerêncvia), mas os conjuntos, ao mesmo tempo, familiares e enigmáticos que, através do tempo, se dão como a medicina, ou a economia política, ou a biologia. Queria mostrar que estas unidades formam domínios autônomos, apesar de não serem independentes, regulados, apesar de estarem em perpétua transformação, anônimas e sem sujeito, apesar de atravessarem tantas obras individuais.

Onde a história das idéias procurava destacar, decifrando os textos, os movimentos secretos do pensamento (sua lenta progressão, seus combates e suas recaídas, os obstáculos contornados) queria fazer aparecer, em sua especificidade, o nível das "coisas ditas": sua condição de aparecimento, as formas de seu acúmulo e de seu encadeamento, as regras de sua transformação, as descontinuidades que as escandem. O domínio das coisas ditas é o que se chama **arquivo**. A arqueologia está destinada a fazer a análise deste arquivo.

Michel Foucault

CSEO, Centro Studi Europa Orientale. Documentação dos acontecimentos da Igreja nas sociedades socialistas do Este Europeu. Março 1972.

MENSAJE IBEROAMERICANO, revista mensal da obra de cooperação sacerdotal hispano-americana. N.º 77, março de 1972.

Assuntos variados: **1.** A família na América Latina. **2.** Adveniat, expressão de comunhão intereclesial. **3.** A indispensável colaboração dos religiosos e religiosas. **4.** Grupos sociais e mudanças na América Latina. **5.** Situação pastoral na América Latina. **6.** Igreja e política. **7.** A cidade, fermento das mudanças na América Latina.

CONCILIUM, revista internacional de teologia. N.º 64. Ano 1971/4. Este é o número dedicado ao ecumenismo.

ATUALIZAÇÃO, abril 1972. Em destaque: **1.** Teologia política de Johann B. Metz. **2.** Pode a pregação do evangelho ajudar o desenvolvimento?

SEMINÁRIOS, Cadernos de formação religiosa do Instituto Vocacional Maestro Avila, Salamanca. N.º 46, 200 páginas.

Este caderno está dividido em quatro seções: Estudos, Mesa-Redonda, Documentos, Recensões. Entre os estudos destacamos: **1.** A Igreja diante do subdesenvolvimento, F. Houtart. **2.** Aspectos sociais e políticos da renovação da Igreja, R. Tucci. **3.** Tarefas da comunidade eclesial no mundo moderno, P. Ricoeur. **4.** A renovação da vida religiosa, J.M. Tillard.

A CONTRACULTURA, de Theodore Roszak. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 300. Tradução do original inglês **The Making of a Counter Culture,** por Donaldson Garschagen.

Uma inquietante e profunda análise da contracultura. "Contracultura é o mais valioso guia para os problemas humanos deste fim de século vinte" (Alan Watts). "A maior parte das coisas que atualmente vêm acontecendo e que são novas, provocativas, relacionadas à política, educação, artes, relações sociais (amor, corte, família, comunidade) é criação da juventude, juventude profundamente, ou até fanaticamente, alienada da geração próxima passada, ou daqueles que voltam sua confiança para os jovens".

Partindo desta premissa, Theodore Roszak examina detalhadamente algumas das mais importantes influências sobre a contracultura jovem: Herbert Marcuse, Norman Brown, Aen Ginsberg, Alan Watts, Timothy Leary, Paul Goodman e mostra qual a contribuição de cada um para questionar a visão cósmica científico-convencional, visando a minar as bases da tecnocracia.

Volta-se depois para "o mito da consciência objetiva" e afirma que uma cultura que subordina ou degrada a experiência visionária comete o pecado de diminuir nossa existência. A grande questão não é "como podemos conhecer", mas, "como podemos viver." E encontrando a resposta devemos reconstituir nossa concepção magna da qual derivam a criatividade e comunidade humanas. De forma que "o primordial objetivo da nossa contracultura é proclamar um novo céu e uma nova terra, tão vasta, tão maravilhosa que as exigências da técnica tenham que retirar-se para um status subordinado e margina na vida dos homens".

Este livro é realmente o que Alan Watts afirmou acima. É inquietante porque desnuda uma situação que vem corroendo a beleza do existir humano — o totalitarismo tecnocrático. É confortador até certo ponto porque revela pessoas conscientes do problema, estudando soluções para desarraigar a mística tecnocrática que se instalou comodamente no sentir da maioria. É um guia para compreender. Primeiro passo para agir.

MYSTERIUM SALUTIS, 1/4. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. Teologia Fundamental: Revelação de Deus e resposta do homem. Editora Vozes Ltda., Ano 1972. Página 200.

Índice deste volume 1/4: Captulo V.

Parte I: O ouvinte da Palavra Divina.

Parte II: A Fé segundo a Sagrada Escritura.

Parte III: Esboço de uma História dos dogmas e da Teologia.

Parte IV: Explicação Teológica da Fé.

Capítulo VI:

Parte I: Sabedoria Divina no Mistério, de São Paulo, enquanto é expressa na Escritura e constitui a fonte de toda a Teologia Cristã.

Parte II: Teologia, Filosofia, Ciência. Os pressupostos dogmáticos da Teologia como ciência da fé. Os pressupostos não dogmáticos da Filosofia e da ciência.

Parte III: Querigma, Dogma, Exegese, História. As áreas fundamentais da teologia. A divisão da teologia.

Parte IV: Enfoques básicos da Teologia como ciência e sabedoria. Síntese dos pontos capitais do conceito de teologia segundo Tomás de Aquino. Seleção e resumo de alguns aspectos.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA, revista da Faculdade de Teologia Cristo Rei, Universidade do Vale do Rio dos Sinos — UNISINOS — São Leopoldo, RS. N.º 6. Janeiro-junho 1972. Páginas 200.

Indice:

● O existencialismo e o problema de Deus, **João Martins Terra, SJ.** ● Gênero narrativo bíblico e o Livro de Tobias, **Raul Pache de Paiva, SJ.** ● Experiência de Deus. Seu lugar na Teologia atual, **Jesus Hortal, SJ.** ● A realização humana plenificante no encontro da revelação intra-humana e da Revelação divina, **Lindberg Pires, SJ.** ● A decisão ética na Teologia de Helmut Thielicke, **Egon Stroher.**

PERSONALIDADE

uma análise do comportamento. 700 páginas
Robert W. Lundin, Herder
e Editora da Universidade de São Paulo

O presente livro estuda a personalidade do ponto de vista experimental. Distingue-se, porém, da edição anterior, e de outras obras de gênero, devido à inclusão de experimentos realizados com sujeitos humanos, em diversas faixas de idade, abrangendo, inclusive, grupos de indivíduos anormais, além do estudo de pessoas normais.
A personalidade é estudada através de uma abordagem operacional, seguindo o enfoque behaviorista, procurando apresentar uma teoria do reforçamento ou comportamental da personalidade. Nos primeiros capítulos se apresentam os princípios do comportamento básico, e se dá ênfase aos estudos que implicam sujeitos humanos. Com a ampliação dos capítulos referentes à punição, comportamento neurótico e psicótico e com a inclusão de um capítulo sobre a terapia de grupo, o livro teve a sua faixa de interesse ampliada, ultrapassando os limites dos currículos universitários.

PESQUISAS SOBRE MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO
Leonard Krasner e Leonard Ullmann. 500 páginas
Herder e Editora da Universidade de São Paulo

A presente obra encerra uma coletânea de trabalhos sobre modificação do comportamento, elaborados por renomados autores que representam, nas principais universidades norte-americanas, a linha behaviorista da moderna psicologia. Esta linha de pesquisa psicológica vem alcançando larga aceitação em psicologia experimental, psicologia da aprendizagem e, como aplicação, em psicologia clínica.

É indiscutível o valor da psicoterapia baseada em modificações do comportamento para o tratamento de vários distúrbios de natureza psicológica.

Deve-se ter em mente quatro pontos que nortearam o trabalho dos autores:

1. Dentro de um plano geral, a obra abrange três enfoques fundamentais: pesquisa, treinamento e aplicação social.

2. A série reúne o atual trabalho experimental sobre modificação de comportamento, que constitui a base das técnicas clínicas mais recentes.

3. Todos os colaboradores já eram titulares de importantes contribuições no terreno da pesquisa e se encontravam familiarizados com os trabalhos dos demais.

4. Todos estavam interessados nas implicações sociais de seus trabalhos e tinham feito várias e extensas aplicações em estabelecimentos clínicos.

Tudo isto faz com que a presente obra seja útil não só aos alunos que se preparam para a profissã de psicólogo, especialmente na disciplina "Teoria e Técnicas Psicoterápicas", mas também a todos que, direta ou indiretamente, lidam com problemas atinentes à área.

TECNOLOGIA DO ENSINO

O país está hoje mobilizado para a alfabetização.
As notícias são de que as etapas estão
sendo percorridas com sucessos. Nessa marcha,
em pouco tempo, teremos em mãos grandes parcelas
da população procurando mais instrução.
A obrigação dos que ensinam é fazê-lo
do melhor modo possível. O sistema escolar,
no passado, não se ampliou nem se modernizou
no mesmo passo que a população brasileira.
Poucas escolas e poucos professores
adequadamente preparados é o que se vê por todas
as partes. São desníveis que só podem ser
corrigidos com soluções tecnicamente equilibradas.
Soluções que não sobrecarreguem nem o professor,
nem o aluno, nem o erário público.
A TECNOLOGIA DO ENSINO de B. F. Skinner
propõe, como solução, a aplicação do conhecimento
científico e dos recursos tecnológicos
aos problemas do ensino.
A ciência é a produzida pela análise experimental
do comportamento. A tecnologia é a programação
da instrução com o auxílio das máquinas.
Este livro é de interesse para professores
de todos os níveis.

Editora Herder
e Editora da Universidade de São Paulo